

A large, stylized hourglass is positioned on the left side of the cover. The top bulb is partially filled with a dark red liquid, which is shown dripping into the bottom bulb. The background is a warm, textured wash of orange and red tones.

encontrografia

Joana Belarmino de Sousa

A Escrita dos Dias

as infinitas lições do saber

A large, semi-transparent hourglass is positioned on the left side of the cover, with its top bulb at the top and bottom bulb at the bottom. The background is a light, textured grey with a subtle watercolor effect.

encontrografia

Joana Belarmino de Sousa

A Escrita dos Dias

as infinitas lições do saber

Copyright © 2025 Encontrografia Editora.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização da editora.

EDITOR CIENTÍFICO

Décio Nascimento Guimarães

EDITORA ADJUNTA

Carolina Gonçalves Caldas

COORDENADORIA TÉCNICA

Gisele Pessin

Fernanda Luísa de Miranda Cardoso

DESIGN

Diagramação: Nadini Mádhava

Design de capa: Nadini Mádhava

Foto de capa: Freepik.com

REVISÃO

Paula Vigneron (Estagiária)

Leticia Barreto (Supervisora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sousa, Joana Belarmino de

A escrita dos dias [livro eletrônico] : as infinitas lições do saber / Joana Belarmino de Sousa. -- Campos dos Goytacazes, RJ : Encontrografia Editora, 2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-5456-109-9

1. Mulheres - Autobiografia 2. Pessoas com deficiência visual - Educação 3. Professoras universitárias - Brasil - Biografia I. Título.

25-257036

CDD-371.10092

Índices para catálogo sistemático:

1. Professoras : Vida e obra 371.10092

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

DOI: 10.52695/978-65-5456-109-9

encontrografia

ENCONTROGRAFIA EDITORA COMUNICAÇÃO E ACESSIBILIDADE LTDA

Av. Alberto Torres, 371 - Sala 1101, Centro

Campos dos Goytacazes, RJ, 28035-581 | Tel: (22) 2030-7746

www.encontrografia.com | editora@encontrografia.com

Comitê científico/editorial

Prof. Dr. Antonio Hernández Fernández – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Casimiro M. Marques Balsa – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)

Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai – MPMA (BRASIL)

Prof. Dr. Daniel González – UNIVERSIDAD DE GRANADA (ESPANHA)

Prof. Dr. Douglas Christian Ferrari de Melo – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Eduardo Shimoda – UCAM (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Emilene Coco dos Santos – IFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fabiana Alvarenga Rangel – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – UNIR (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Luísa de Miranda Cardoso – UFF (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho – UFSC (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Elias Simão Merçon – FAFIA (BRASIL)

Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes – UFRPE (BRASIL)

Prof. Dr. Javier Vergara Núñez – UNIVERSIDAD DE PLAYA ANCHA (CHILE)

Prof. Dr. José Antonio Torres González – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof. Dr. José Pereira da Silva – UERJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Magda Bahia Schlee – UERJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Margareth Vetis Zaganelli – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Martha Vergara Fregoso – UNIVERSIDAD DE GUADALAJARA (MÉXICO)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Teles Alvaro – IFRJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães – UFRN (BRASIL)

Prof. Dr. Rogério Drago – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Shirlena Campos de Souza Amaral – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Wilson Madeira Filho – UFF (BRASIL)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Sumário

Dedicatória.....	10
Agradecimentos.....	11
Prefácio.....	14
Introdução.....	16
Parte I. No limiar das coisas: o caminho de dentro.....	20
1.1 A cegueira é um lugar de onde se pode olhar o mundo.....	20
1.2 Quando se olha para o mundo com o corpo todo.....	26
1.3 A cegueira como construção sociossimbólica: internamento e memória.....	27
1.4 Quando somente a teimosia lhe leva aonde você quer ir.....	29
1.5 A costura dos tempos: dos eixos de formação ao rol das dificuldades.....	30
1.6 Pensar a cegueira como uma forma de visão.....	32
1.7 A infovia cibernética: um novo lugar de estranhamento da cegueira.....	34
1.8 Considerações provisórias.....	35

Parte II. Minha formação e os seus desdobramentos.....	37
2.1 O bacharelado em Jornalismo (1978/1981).....	37
2.2 Verdade: os mantos e as lacunas que a recobrem	40
2.3 A prática profissional no jornal O Norte (1981/1990).....	43
2.4 A especialização em Metodologias da Comunicação (1987/1988)	47
2.5 O retorno à academia: o mestrado em Ciências Sociais (1992/1996).....	47
2.6 A experiência como professora substituta (1993)	49
2.7 Os primeiros anos de docência (1994-2000).....	52
2.8 O projeto de doutorado.....	55
2.9 O retorno a casa: o amor pela docência.....	62
2.10 Experiências de gestão.....	62
2.11 O mestrado profissional: mais uma experiência de gestão....	63
2.12 O Grupo de Pesquisas em Jornalismo, Mídia, Acessibilidade e Cidadania	65
2.13 Minhas publicações	66
2.14 Orientações e bancas de defesa.....	67
2.15 Minha colaboração em conselhos científicos de periódicos nacionais.....	67
Parte III. Um apanhado improvisado sobre arte	69
3.1 Meu canto nunca esteve na floresta.....	69
3.2 Literatura, minha literatura!	71

3.2.1. Meu jornalismo literário	72
3.3 As microentrevistas e os microcontos	80
3.4 Minhas colunas de jornal e meu <i>blog</i>	81
Minha autoentrevista chega ao fim.....	82
Referências	86

Dedicatória

Aos meus pais (*in memoriam*), eles que foram a primeira casa onde o meu caminho começou. Aos meus irmãos, Luzia Belarmino e José Belarmino (*in memoriam*), que, durante a minha adolescência, trabalharam em fábricas de Bayeux enquanto eu estudava. Ao meu irmão Manoel Belarmino, a quem devoto gratidão por ter dedicado parte da sua juventude ao trabalho fabril enquanto eu estudava. Ao núcleo da minha família atual, Mayra e Mariana, minhas filhas; Gabriela, João e Guilherme, meus netos; Lau Siqueira, o pai das minhas filhas. Nossa família vibra em desafios, alegrias e amor.

Agradecimentos

Agora que se concretiza o projeto do livro, quero agradecer, de forma efusiva, ao professor Décio Guimarães, que deu a largada para a publicação, com entusiasmo, generosidade e toda a competência da sua equipe editorial. Agradecer à minha filha, Mariana Siqueira, que muito me auxiliou nessa etapa de revisão do texto original. A todos os que vibraram comigo na feitura desta nova empreitada.

A todos os que fazem o Instituto dos Cegos da Paraíba, que eu chamo carinhosamente “A Casa de dona Adalgisa”, ali onde iniciei minha jornada rumo ao conhecimento literário e intelectual.

A todos os que fazem a UFPB e, mais particularmente, aos meus colegas da turma de jornalismo 1978.2; aos meus mestres e servidores do antigo DAC; aos meus colegas docentes do Departamento de Comunicação e aos colegas do Departamento de Jornalismo. A todos(as) discentes que estudaram comigo, da graduação à pós-graduação; aos que fizeram comigo o mestrado em Ciências Sociais da UFPB, onde alcancei o título em 1996. Aos que fazem o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC, que acolheram meu projeto de doutorado. Um agradecimento especial a cada um dos membros dessa banca de titularidade, na pessoa da professora Sandra Regina Moura, que me incentivou

e propiciou o meu contato com o professor José Amálio Pinheiro, orientador da minha pesquisa de doutorado.

Agradecimento afetuoso ao professor Pedro Nunes Filho, por sua amizade e sua orientação segura nesse processo de titularidade.

Agradecimento especial a José Allan Luna de Oliveira, eterno aluno, revisor, organizador, árduo compilador da documentação da minha produção acadêmica.

Gratidão íntima à “Força Suprema”, ela que sustenta o cosmos em seus múltiplos eventos e fenômenos; ela que inventou a nossa curiosidade e a nossa fome de conhecimento, da mesma matéria com que forja as estrelas.

“...O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.
(Carlos Drummond de Andrade, 1940)

Prefácio

A presente obra nos proporciona conhecer de perto a trajetória acadêmica e o trabalho da Prof.^a Dr.^a Joana Belarmino de Sousa, mulher cega, intelectual, jornalista e docente da Universidade Federal da Paraíba. Trata-se de uma delicada e potente autonarrativa que nos revela inquietações, intimidades, saberes, provocações e conquistas da autora. Anunciamos que é impossível ler a obra e não se encantar com a força transformadora da querida Joana Belarmino, que nos encoraja a desbravar o desconhecido mundo de nós mesmos, transvendo o que de melhor somos.

Antes de prosseguirmos com o diálogo em que temos como difícil tarefa apresentar esta obra, sinto-me no dever de compartilhar com as leitoras e leitores que, para além de amigo de Joana Belarmino, temos plurais aproximações, dentre as quais somos pessoas cegas e docentes da Educação Superior. Conheci a autora ainda nos anos de 1990, no Papovox, *chat* do sistema operacional Dosvox dedicado à comunicação de pessoas cegas. Desde então, apesar da distância, dividimos as trincheiras em defesa dos direitos das pessoas com deficiência e a luta por democracia com participação.

Sem mais delongas, vamos à obra. O que e como escrever acerca do livro? Tarefa complexa e, ao mesmo tempo, simples. Complexa pela profundidade dos saberes e experiências vividos e compartilhados pela autora. E simples pela forma delicada e autêntica como Joana Belarmino

escreve suas lutas, vivências e sonhos. Confesso que, nas páginas do livro e nas narrativas da autora, muitos foram os momentos em que senti a estranha impressão de ser, com Joana, protagonista de sua história. História que é dela, é minha, é nossa. História que é de todas as pessoas que vivem a cegueira como estilo de vida, sem perder de vista que cada uma e cada um de nós somos únicas e únicos.

A escrita nos revela o olhar intersensorial, atento e curioso da autora ao revisitar sua trajetória. Olhar inquieto e persistente de jornalista, pesquisadora e, principalmente, mulher transgressora e comprometida com a ciência e a liberdade, fato que não surpreende aquelas e aqueles que conhecem a querida Joana Belarmino, mulher cega e intelectual, que, num gesto de radical generosidade, compartilha conosco a escrita de seus dias com lições anticapacitistas de ser e estar no mundo.

Externo aqui minha admiração, carinho e amizade por Joana Belarmino de Sousa, ao mesmo tempo que desejo a todas as pessoas uma potente e deliciosa leitura.

Abraço fraterno,

Prof. Dr. Décio Nascimento Guimarães

Introdução

Três anos são passados desde que iniciei e encerrei o meu processo de titularidade, último nível na carreira docente na Universidade Federal da Paraíba. Três anos passados, e eis que recebo um convite do professor Décio Guimarães para publicar o texto resultante do memorial circunstanciado defendido por ocasião da minha banca de defesa, ocorrida no dia 18 de outubro de 2021.

O entusiasmo, a alegria e a gratidão não têm medidas. Rever todo esse processo, agora sem as exigências do cumprimento da burocracia requerida para a conquista do título, é uma tarefa prazerosa e, ao mesmo tempo, marcada pela responsabilidade no cuidado para com a partilha da minha experiência neste trabalho primoroso que a editora entrega aos leitores.

Nesta versão, o texto integral foi mantido. Entretanto, alguns acréscimos foram feitos e temáticas foram aprofundadas, a exemplo da minha experiência profissional no jornalismo, assim como a minha militância sindical.

Ao longo do texto, tentei manter uma linguagem leve, ainda que algumas partes do trabalho conservem certo rigor, característica própria de um documento acadêmico.

A pergunta sobre o público ao qual se dirige esta obra não se colocava ao tempo da banca de titularidade. O texto tinha como finalidade a apreciação dos meus pares sobre minha trajetória acadêmica.

No seu formato atual, o livro destina-se a um público variado: docentes universitários, estudantes, intelectuais e pesquisadores dos campos da Educação Especial e das Ciências Humanas. Além disso, profissionais do Jornalismo e da Comunicação, artistas e escritores podem encontrar aqui incentivo, alimento para debates e reflexões e inspiração para suas jornadas pessoais na carreira acadêmica.

Segue-se, pois, o fio condutor da narrativa, com a esperança de que o trabalho seja fonte de inspiração para todos aqueles que acreditam numa sociedade inclusiva na qual a diferença e a singularidade sejam os vetores de uma convivência humana rica e saudável.

O tempo em que vivemos, o tempo em que me sento para essa escrita dos meus dias como professora da UFPB é um dos mais desafiadores. A minha sensação mais forte é a de que estamos presos num longo e eterno mesmo dia, que começou em março de 2020. Um mesmo longo e eterno dia em que assistimos à pele das nossas certezas ir-se esboroando para que sejamos tomados pela perturbação, medo, desconfiança de nós mesmos e dos outros, angústia profunda pelas perdas e silêncio de dentro, cheio de palavras pasmadas que não conseguem explicar essa realidade inusitada.

Vai, pois, uma primeira advertência aos examinadores deste meu percurso de 27 anos como docente de Comunicação e de Jornalismo na UFPB. Há, neste texto, um tom indisfarçável de melancolia, um timbre de tristeza a marcar estas páginas, mesclando a narrativa; porém, há algo para o qual não tenho a palavra exata, uma espécie de calor bom, de alegria íntima, que só pode ser dita com o trecho a seguir: a alegria íntima de estar aqui, revendo esses 27 anos, revendo-me neles; palpando meus aprendizados, minhas conquistas; pesando meus saldos teórico-reflexivos; abrindo, de par em par, as portas do armazém da memória para me alimentar novamente das lembranças sobre os gestos de ternura, os abraços de amizade, a grama do afeto na qual tantas vezes me deitei confiante e tranquila.

A escrita desses 27 anos exige que eu parta de algum lugar. Coloco, assim, uma primeira questão central que me encaminha para este trajeto:

como se tece o conhecimento? Do que se alimenta o saber? Por que terei escolhido Jornalismo, Comunicação, Sociologia e áreas afins para construir minha trajetória acadêmica?

Creio que haja um ponto de partida que não está nos livros, nos protocolos acadêmicos, nos manuais de vocação profissional. Imagino que esse ponto de partida é intracelular. E, para além, envolve o seu artefato neurosensoriomotor, que, em grande medida, dita as maneiras como você tenderá a olhar para o mundo.

Mas não é só isso. O olhar para o mundo se tece no âmago da família, no grosso das relações sociais, na escolaridade, na literatura! Sim, não tenho dúvidas de que a literatura é a pedra de toque, os óculos de grau através dos quais olho para o mundo; a literatura acolhida pelas minhas células, pelo meu corpo inteiro como um vinho bom, um transporte etéreo. A literatura é uma das grandes responsáveis por essas minhas escolhas acadêmicas. A literatura gestou em mim a jornalista e, depois, a professora universitária.

Mas, antes, a literatura já habitava minhas células, que gritavam por entender o mundo, explicá-lo, e, por tantas vezes, abstrair-me dele, das suas contradições. Quando eu era criança, muitas vezes, tentava desenhar. Eram desenhos em relevo, numa prancha de metal que eu ia perfurando com a mão direita, guiada pela esquerda. A lembrança forte desses dias é a da tentativa de desenhar uma casa. Uma criança que enxerga provavelmente iniciará seu desenho pelo telhado. A minha casa começava antes. Começava na estrada, poucos passos antes de adentrar em seu interior.

Sendo cega de nascença, vivendo divorciada das imagens visuais exteriores, ganhei do trabalho das minhas células, do meu cérebro, um modo próprio de olhar para o mundo. Esse modo envolve sonoridade e taticibilidade. Envolve, como já alertara Bachelard (1989), a largada a partir do interior.

Se, de fato, eu pudesse desenhar minha própria casa, o desenho não seria da casa propriamente, mas dos meus pés palmilhando o caminho em direção à casa, caminhando entre os seus cômodos.

Este trabalho é, pois, essa tentativa de falar desse caminho interior; é esse esforço de me postar no limiar dos acontecimentos desses 27 anos para deles extrair essa gramática de associação, combinação, multiplicando as infinitas lições do saber.

Os temas centrais da obra, ainda que eu os tenha dado uma espécie de percurso linear, não têm ordem de prioridade, visto que se acham entrelaçados. Cegueira, literatura e jornalismo são as três matrizes mais visíveis que reverberam nessa narrativa, ecoando, com elas e para além desta, a minha trajetória acadêmica e os seus achados.

O memorial acha-se dividido em três partes. Na primeira, apresento-me a partir de dois textos já publicados, nos quais exploro minha infância e as questões do meu interior que me impeliram para esse caminho trilhado. Conforme verão nas referências, os dois textos foram produzidos em épocas distintas e para veículos diferentes. É por isso que algumas informações mais ou menos se repetirão nos dois materiais. A segunda parte traz um relato da minha vida profissional como jornalista e todo o meu processo de formação acadêmica e atuação profissional. A terceira parte recupera minhas atividades artísticas, sobretudo na música e na literatura.

Tenho certeza de que todo esse esforço de narrativa da minha trajetória é um trabalho jornalístico. Sim, aqui há uma espécie de escuta de mim mesma, dos acontecimentos que me fizeram jornalista, mãe, esposa, militante, docente universitária. Sim, há aqui uma entrevista em profundidade, longa, ora linear, ora em fluxo. Fluxo de acontecimentos que se entrelaçam e formam toda a trama desses 27 anos na UFPB.

Parte I

No limiar das coisas: o caminho de dentro

1.1 A cegueira é um lugar de onde se pode olhar o mundo¹

Os primeiros anos da minha infância foram no campo. Eu vivia com meus irmãos, correndo no mato, subindo em pedras, tomando banho nos riachos, brincando com paus, pedras e até com bichos mortos. Um dia, me lembro, eu brinquei minutos a fio com uma lagartixa morta. Segurava o animalzinho pelo rabo e brincava de deixá-lo ir de lá para cá, com o vento e o impulso do meu braço. Minha mãe deu um grito para eu largar aquele bicho morto. Foi um tremendo susto.

Me lembro de sentir uma imensa inveja dos pássaros e dos insetos. Eu sabia da presença deles pelos seus zumbidos perto de mim. Eu queria voar como eles. Um dia, eu estava brincando perto de uma fila de pedras que havia no quintal de casa. Eu sentia a presença delas em minha face e

1 (Início da nota de rodapé). Esse artigo foi publicado originalmente no livro *Histórias de Cegueira*, organizado por Virgínia Kastrup e Laura Pozzana, editora CRV, Curitiba, 2016. (Fim da nota de rodapé).

pensava que estava enxergando as pedras. Machuqueei-me feio numa delas. Aprendi a duras penas que ver não é trombar nas pedras.

Joana Belarmino de Souza nasceu em 23 de junho de 1956, em Itapetim, pequena cidade no interior de Pernambuco, no nordeste do Brasil. Filha de um casal de agricultores, foi a sétima filha dos treze nascidos. Nessa família, por artes da genética, sete filhos nasceram cegos e seis com visão normal. Segue sua história.

Penso que não houve propriamente um momento em que me dei conta de que era cega, mas, sim, um processo de incorporação da cegueira. Me lembro de que eu pegava a cartilha do meu irmão e brincava de ler, inventando palavras, falando difícil. Percebi que, na minha família, a cegueira era um distintivo. Compreendi isso quando meus irmãos mais velhos foram para a escola especial. Eles voltavam diferentes, falando sobre coisas diferentes, como torneiras, instrumentos musicais, livros em Braille. No campo, não havia essas coisas. No campo, era acordar, fazer uma refeição ligeira, brincar no mato, almoçar cedo, brincar no mato e dormir cedo, ao som do silêncio, nas redes armadas na sala. Meus irmãos me fascinavam, ao mesmo tempo que eu os achava muito estranhos, com suas vozes refinadas, seus pedidos de “desculpa” e “com licença”. No campo, não havia nada disso.

Uma lembrança forte da infância foi a primeira vez em que escutei música no rádio. Era na casa grande da fazenda onde meu pai trabalhava como meeiro. Eu devia ter uns três anos. Fiquei paralisada. Não perguntei nada a ninguém, não entendi nada, mas pressenti algo poderoso ali naquela música clássica que tocava num caixote. Outra lembrança de infância era minha relação com a terra, com as pedras. Eu pressentia a realidade cósmica ali. Não me pergunte como, mas eu pressentia um mistério inquietante naquela matéria esfarelada que eu sopesava entre as mãos, com quase reverência.

Aos sete anos, fui também para a escola especial. Foi lá que descobri o mundo da escrita, da literatura, do Braille. Em minha trajetória, cursei, mais tarde, o Pedagógico e, depois, o curso superior em Jornalismo. Fui jornalista de 1981 a 1990, no Jornal O Norte, dos Diários Associados. Depois, fiz mestrado em Ciências Sociais e decidi explorar o movimento associativo de pessoas cegas. Era um esforço que eu fazia para compreender os discursos antagônicos que pareciam perpassar as práticas desse

grupo. Ora lutavam por cidadania, ora queriam privilégios. Nessa época, eu sofria grande influência da minha própria militância, que, primeiro, foi no movimento estudantil e, depois, no movimento sindical dos jornalistas. A minha cegueira andava comigo como uma espécie de farol. Eu me esforçava para compreender o grupo de cegos e para ajudar a construir com eles um movimento social, semelhante a tantos outros que disputam visibilidade na atualidade.

Fiz concurso público e me tornei professora da Universidade Federal da Paraíba em 1994. O ensino universitário foi um caminho essencial. Compreendi também o quanto é importante a construção, passo por passo, da independência financeira e da autonomia. Fiz doutorado em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), tendo defendido a tese *Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura*. Essa trajetória não tem sido tão fácil quanto parece descrita aqui, de forma resumida. É uma trajetória pontuada por muitas lacunas, faltas, carências e superações.

Sempre tive como ideia fixa que o afeto se comunica muito pela via do olhar. Eis aqui um problema para nós, cegos de nascença. Não sabemos quando somos alvo da admiração e do desejo de outro, a não ser que essa admiração e esse desejo sejam verbalizados, comunicados. Eu penso que há uma grande distância entre o olhar e o não olhar nessa coisa do afeto. Claro que ela pode ser ultrapassada. Talvez sejamos nós próprios, as pessoas cegas, que a colocamos ali, entre o olhar e o não-olhar.

Eu tive algumas experiências de namorar homens cegos, mas me casei com um homem não-cego. Vivemos treze anos de relação e tivemos duas filhas. Penso que, na época, impus algumas obrigações a ele. Ou ele começou a sentir que aquelas eram obrigações suas: ler para mim, me levar ao trabalho, dizer se eu estava bem na hora em que acabava de me arrumar para sair. Não sei dizer o que fez com que a relação se deteriorasse. Às vezes, eu brinco dizendo que nos divorciamos porque eu detestava passar manteiga no meu próprio pão, e ele talvez tenha se cansado de ter que passar manteiga no meu pão e no dele, na hora do café da manhã. O que se pode dizer? Que o amor supera tudo? Frases de autoajuda nem sempre ajudam. Penso que nós próprios, pessoas cegas, nos colocamos em lugares difíceis. Você tem um problema e você é a própria lanterna que tem que

iluminar esse problema. Mas você corre o risco de superiluminar o tal problema. É difícil falar de afeto. Sempre vão ficar meadas por desenrolar.

Minha vida cultural vai ao sabor da minha disposição, mas eu diria que ela é rica. Leio muito, pesquiso na *internet*, adoro televisão, sobretudo programas jornalísticos, científicos e filmes. Vejo filmes, nem que padeça com a falta da audiodescrição. Sou membro do Clube do Conto da Paraíba, adoro uma boa novela e uma conversa amena num barzinho. Certa vez, fui a uma exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, sobre cinco metrópoles do mundo cujas obras eram fotografias e músicas. A exposição não pretendia ser acessível, mas pude ouvir as músicas e me senti incluída, em casa. Eu usufruía daquele mundo sonoro com qualidade e plenitude. Foi realmente magnífico.

Outra experiência importante foi uma visita à exposição de Hélio Oiticica no Paço Imperial, também no Rio de Janeiro, em 2009. Eu saí dali em companhia de outra parte de mim mesma, assombrada, impressionada. Em determinadas ambiências, era como se pequenas frestas, recantos improváveis, falassem com meu corpo, me permitissem filtrar réstias de luminosidade, escuros salpicados não sei bem pelo quê, que, na falta de palavra, eu poderia ainda chamar de luminosidade. Lugares de palha, de terra úmida, de areia pedregosa. Meu corpo entregou-se àquilo tudo com a sede da infância que eu já não tinha.

Acho que só a arte pode nos retirar o jeito de mostrar que nós temos. Só a arte pode nos descascar e nos entregar uma parte nossa que nem sabíamos que existia. Como naquela tarde, com a arte de Hélio Oiticica, compreendi que estamos moldados por cinco sentidos, mas que nossa consciência é mesmo um lugar profundo de muitas outras ambiências. A arte pode nos mostrar esse oceano que está dentro de nós e que fala de outros sentires, de outras gostações, de tatilidades tão ternas ou tão intensas, como se houvesse sol dentro de um pequeno espaço no fim da tarde.

Outra experiência marcante foi visitar o jardim da casa de Luís Braille, na aldeia de Coupvray, na França. Não tenho palavras para falar da beleza, da delicadeza, do quão forte foi estar ali. Já escrevi crônicas sobre esse momento, mas as palavras são tão pobres... Tive também experiências aparentemente prosaicas, mas que foram valiosas demais, como andar de bicicleta de dois lugares e ler uma bela descrição de paisagem. E já li muitas!

Ser cego não é uma tragédia. No mundo atual, ser cego é cada vez mais uma gradação e um estado de ser. Mas, às vezes, a cegueira é complicada. Por exemplo, eu tenho pena, uma pena imensa, de não poder ver o céu, o cosmos, as descobertas que são disponibilizadas todos os dias na *internet* e que qualquer um, de posse de um computador ou de um *tablet*, pode ver, guardar, explorar. Eu tenho muita pena de não poder ver essa parte intangível do mundo, do cosmos. Tenho pena de não poder ver o mar, a linha do horizonte, o mundo dos seres pequenos. Tenho pena de não poder ler do modo como qualquer pessoa lê. O Braille é talvez uma das maiores conquistas para a pessoa cega, mas a variedade do que se produz em termos de mercado do livro tradicional é incalculável. Eu amo livros. Gosto de tê-los por perto, mas só posso cheirá-los. Não posso ficar com eles, folheando, lendo, marcando... Isso me dá pena.²

Ser cego é uma experiência de duas faces. Tem a face interna da cegueira, e essa é de cada pessoa cega. Às vezes, é trágica; às vezes, é bela. A face interna da cegueira é vivida no seu próprio corpo. Seu corpo sabe da cegueira, mas sabe dela como sabe de um dedo, de um dente, de um músculo da perna. A cegueira, no corpo, está incrustada e bem resolvida. Meu corpo não fica, todo o tempo, sinalizando que os meus olhos são cegos. Meu corpo tem a ciência própria de estar na cegueira, habilitado para o fazer. Meu corpo não sofre com o que os outros pensariam ser um erro, uma inabilidade. Os erros, no meu corpo, são maneiras de fazer o certo, ainda que eu leve mais tempo que os outros que estão sendo guiados pelo olhar.

Há também a face social da cegueira, a externa, aquela que começa no olhar do outro. É essa face que prejudica a face interna do ser cego. Dizendo de outro modo, a cegueira tem um corpo socialmente construído. Aí, de repente, você se pega, mesmo sendo cega, com um espelho de mão que reflete, para você mesma, a imagem desse corpo construído. Bem, isso pode paralisar você. Ou pode empurrar para a frente. Acho que sempre fui para a frente, ainda que, às vezes, tenha que fazer um esforço.

2 (Início da nota de rodapé). Hoje, já posso ler um livro impresso através de um dispositivo chamado *Orcam my eye*, óculos com uma minicâmera acoplada, que fotografa os impressos e faz leitura em voz alta. No tempo deste artigo, ainda não existia tal dispositivo. (Fim da nota de rodapé)

Sempre fui para a frente, com a teimosia desse meu corpo interno apontando seus dedos para desfazer os espelhos. Sempre para a frente.

Eu tenho um sonho de um dia estar totalmente livre. Livre e sozinha. Numa floresta? Pode até ser. Sozinha numa floresta onde eu possa caminhar, cair, caminhar, gritar, cantar, experimentar todas as variações da minha voz; inventar palavras, ficar calada, cair e caminhar, sem medo, sem ninguém a me apontar o caminho, sem os espelhos.

A minha cegueira, às vezes, é inquietante; às vezes, tranquilizadora. Às vezes, minha cegueira não é nada. O caso dos espelhos, por exemplo. Há espelhos na minha casa. Um deles, o maior, fica ao fundo do corredor, entre os quartos. Sou indiferente ao espelho. Mas, às vezes, me posto lá, diante dele, me imagino me vendo. É estranho. Quem vê em mim, vê de dentro da minha cegueira. Vê com palavras. Inventa expressões e as descreve com pensamentos/palavras. Quem me olha, postada diante do espelho, é a minha própria interioridade. É ela que, indiferente ao rosto de fora, entrega ao espelho o que ela pensa que eu sou. Ser cega em mim é uma contingência.

Eu sempre quis ver. E a minha cegueira traz para mim essa vontade de ver. E eu acho que inventaram um jeito ou jeitos de ver. Ver é quase sempre um modo coletivo de ler o mundo. Acho que a literatura sempre me ajudou a ver as coisas. Até a minha juventude, eu penso que vivi num mundo paralelo, que era o da literatura. Eu conversava com os personagens dos livros, dizia coisas que eles diziam. Eu estava na realidade de passagem e sempre me surpreendia por gostar mais do mundo dos livros. No mundo dos livros, não havia obstáculos. Eu corria, observava pinturas, via o pôr do sol. Na realidade, eu estava de passagem. Mas agora eu estou plantada aqui, no mundo real, e a literatura é como um importante lente que me ajuda a estar no mundo.

Veja o caso das minhas expressões faciais. O meu sorriso. A minha filha costuma dizer que, quando eu ganho um presente, eu sorrio como uma criança. Não sei como uma criança sorri, a não ser por conhecer a experiência tátil do sorriso se forjando. Eu percebia muito, de maneira tátil, a formação de um sorriso no rosto das minhas filhas quando elas eram pequenas. Descobri que, muitas vezes, um bebê sorri com todo o corpo. Os pés e as mãos se agitam, as bochechas se estufam. Talvez, com

esse aprendizado, eu tenha aprendido a sorrir e, aos 57 anos, ainda tenha o sorriso da infância.

O meu rosto, às vezes, é muito transparente. Ou será que eu poderia dizer que minhas emoções não têm cercadura? Não sei inventar uma expressão de falsa ironia ou de ironia verdadeira. A ironia, para mim, ou a falsa ironia não passam de atos de fala, de tonalidades vocais. Isso é ruim? É bom? Talvez essas questões não se coloquem. Sou um ser que brota da incompletude. A cegueira, eu sempre disse, é um lugar de olhar para o mundo. É, talvez, o que a filosofia persegue, a essência, a totalidade, a unidade, o claro-escuro, o esclarecimento, a obscuridade, o não olhar... Não, não é bem assim. Fiquemos com o princípio da frase. A cegueira é um lugar do qual se pode olhar para o mundo.

1.2 Quando se olha para o mundo com o corpo todo³

A primeira memória mais forte da minha infância aconteceu aos meus quatro anos. Me lembro de uma manhã cheia de sol, insetos zumbindo nas flores, pássaros cantando alegremente nas árvores. No quintal de casa, inventei de brincar de ver.

Eu ainda não sabia direito o que era ser cega, senão por ter experimentado, no meu próprio corpo de menina, retraimentos, tensões; senão por criar, todos os dias, espaços seguros onde eu pudesse correr, rodopiar, experimentar a força do vento e dos borrifos de chuva no meu próprio rosto, investigar a dureza das pedras e a sensação da terra a escorrer por entre as minhas mãos.

A cegueira, de fato, não é somente uma condição do nascimento; se quisermos, uma imposição da genética e da biologia. A cegueira, sobretudo, é uma construção sociocultural, amalgamada a proibições, interdições, estabelecimento de limites. Mais que isso, a cegueira é uma construção narrativa, urdida inicialmente no seio da família, para ir se alastrando pelos diversos polos de convívio: a escola, a rua, a comunidade.

3 (Início da nota de rodapé). Esse artigo foi publicado originalmente sob o título *Cegueira, Acessibilidade e Inclusão: Apontamentos de uma Trajetória*, na Revista *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 38, p. 564-571, 2018. (Fim da nota de rodapé).

Na minha casa, na zona rural do interior de Pernambuco, convivendo com uma família grande, minha cegueira, pelo menos nos primeiros anos, estava cercada por alguma liberdade. Brincar no pátio grande da casa, subir em pedras e até em arbustos espinhentos, correr e rodopiar com o vento, inventar cercados feitos de madeira e pedra eram as nossas brincadeiras infantis. A cegueira, parece, estava incorporada àquela economia de ações, àquela largueza de gestos, ao pouco que se falava sobre o fato, senão com as palavras exatas do interior: “Ela é cega”. É cega e pronto. Não havia mais nada a ser dito. Os dias estendiam-se como grandes panos lavados; as horas como que se desenrolavam para o puro experimento de ser.

Naquela manhã, pois, o cardápio inventado era brincar de ver. Eu pulava diante de uma fileira de pedras, no quintal de casa, e experimentava na minha face a presença das pedras. Ver, para mim, resumia-se à surpresa de sentir as pedras na face, sem tocar nelas. O desfecho veio rápido, interrompendo a brincadeira de ver. O tempo me mostrou que aquele jeito de ver não passava de um modo particular de enxergar as coisas à volta por uma pessoa cega.

Para além da experiência da infância, ao longo da minha vida, fui compreendendo, na prática, o engendramento da cegueira como uma construção simbólica e sociocultural. Igualmente, internalizada a dura experiência da infância, fui também envolvendo minhas investigações com a premissa de que a cegueira é uma forma de visão, um modo particular de ser e estar no mundo. Visão essa que se constrói no e com o corpo, em transação com o ambiente, engendrando o que chamei, posteriormente, de mundividência tátil.

1.3 A cegueira como construção sociossimbólica: internamento e memória

Eu ia fazer sete anos quando se desvelou o dia em que seguiria para a escola especial, junto com meus irmãos mais velhos. Essa é, pois, a segunda memória mais intensa e persistente dos dias da minha infância. Me lembro de que estávamos todos à espera do transporte que nos levaria para a cidade de Itapetim. Meu pai me segurava ao colo e me disse, com lágrimas nos olhos: “Fifia, você ainda é pequena. Se quiser ficar, você fica”. Me lembro de que eu também chorava, mas disse: “Não, pai, eu vou!”.

Aquelas quatro palavras forjaram o primeiro corte, a primeira separação. Quantas crianças cegas iguais a mim já não teriam vivido essa primeira dura experiência de deixar a família? Avalio constantemente essa lembrança e compreendo que, para muitas pessoas cegas, até o final da década de 70 do século XX, cegueira significava o recolhimento dos corpos, a internação, o disciplinamento para o aprendizado: da convivência com seus iguais; do braile; do ordenamento dos gestos e ações; de toda a gramática simbólica e narrativa envolvida.

E veio o terceiro episódio, mais central das minhas memórias da infância: entre os sete e os oito anos, num fim de tarde, eu estava na minha cama, com a cartilha aberta, tentando ler. E, de repente, meu cérebro fez um clique. Minha mão associou letras e formou palavras. Recordo-me do sorriso estufando minhas bochechas, da felicidade, da loucura de ficar lendo e lendo, até não mais poder.

Eu havia me desapropriado dos hábitos de casa, de viver brincando no meio do campo, de falar sozinha, de atritar pedras para sentir o cheiro de fogo. Havia ganhado outros hábitos: uma vida regulada pelo sino, o banho frio às cinco da manhã, as horas de rezar, de brincar e de dormir, compartilhando, muitas vezes, as roupas e até um espaço na mesma cama com outra menina.

O aprendizado do braile foi uma recompensa e tanto. A literatura me fazia abstrair daquele mundo ordenado, me permitia vagar por lugares onde eu não tinha que me impor limites. Desde então, envolvi-me de tal forma com a literatura, que, às vezes, vivia uma espécie de ilusão: eu habitava o mundo dos livros e era de lá que, às vezes, visitava o mundo real.

Aprendi a gostar da escola, mas havia os lugares prediletos: os pátios abertos, o pequeno jardim próximo às salas de aula e, com toda certeza, a biblioteca. Lá eu podia ficar horas a fio, lendo. Mas a hora de que eu mais gostava era aquela do final de tarde, quando já havíamos tomado banho e aguardávamos a hora do jantar. Eu corria para a biblioteca, escura e silenciosa, e ficava lendo, sim, porque ler em braile não exige luz, senão as polpas dos dedos indicadores correndo pela página aberta, desvendando as aventuras de Pedrinho, de Narizinho e do príncipe escamado.

Até a quarta série do ensino primário, na escola especial, éramos poupados de muitos constrangimentos. Estávamos entre nossos iguais, tínhamos atendidas nossas necessidades de alimentação, descanso, estudos e brincadeiras. Após a quarta série, porém, vinha uma espécie de ruptura desse mundo protegido. Muitos de nós passávamos a estudar em escolas comuns. Naquela época, porém, era muito mais um experimento do que uma ação planejada.

Não existiam salas de recurso, tampouco produção do livro didático adotado na escola em que nos tinham matriculado. Contávamos somente com o serviço de itinerância para produzir e transcrever nossos exercícios e provas.

Surgiam, pois, os primeiros constrangimentos: se, na escola especial, tínhamos autonomia, na escola regular, éramos postos de parte. Não líamos na mesma hora que os outros, não participávamos das atividades de desenho e confecção de mapas. Na hora do recreio, não podíamos participar dos jogos de tênis nem do barra-bandeira.

Mais do que nunca, nessa época, penso ter internalizado e vivido os gestos de estar quieta, ouvindo, aprendendo, negando ao meu corpo muitas das travessuras que, anteriormente, eu experimentara, no sítio e na escola especial.

1.4 Quando somente a teimosia lhe leva aonde você quer ir

Aos dezesseis anos, já vivendo com minha família, que veio morar em João Pessoa, eu decidi que queria ser jornalista. Àquela época, sequer havia uma faculdade de Jornalismo em minha cidade, mas penso que era o solo da literatura que me empurrava para esse desejo. Eu sequer pensava nas consequências e nos óbices, ainda que fosse frequentemente alertada pelos educadores da escola especial: Jornalista? Como? Você não conseguirá emprego! Penso que a teimosia e, mais que isso, a reflexividade própria da adolescência me impeliram até a realização do meu desejo.

Passsei no vestibular da segunda turma da Escola de Jornalismo, na UFPB, em 1978. Já durante o curso, tive oportunidade de trabalhar como *freelancer* no jornal semanal O Momento, no qual ainda produzi quatro grandes reportagens. Formei-me em agosto de 1981 e, quinze dias após a formatura, eu era convidada para uma experiência de trabalho no jornal

O Norte, dos Diários Associados. Ali, trabalhei como repórter durante quase nove anos, contrariando as perspectivas sombrias dos técnicos da Educação Especial. No internato, eles tinham me dado uma ferramenta fundamental para o trabalho no jornal. Tinham me ensinado datilografia. Então, eu era a única jornalista que anotava em braile, e, como meus colegas, digitava a matéria na máquina de datilografia.

Na universidade, eu havia formado meu espírito militante. Atuava em várias frentes: no movimento estudantil, e, paralelamente, no movimento de pessoas com deficiência. Levei também a militância para o jornalismo. Participei ativamente das duas grandes greves gerais de trabalhadores, entre 89 e 90. As greves fizeram com que o clima nas redações ficasse extremamente hostil para os militantes e sindicalistas. Foi nessa época que decidi deixar a reportagem e retomar os estudos.

Cursei mestrado em Ciências Sociais, e, em 1993, passei em seleção para professor substituto na mesma universidade e no mesmo curso em que havia estudado. Em 1994, veio o concurso efetivo e, desde então, passei a integrar o quadro dos docentes permanentes da minha faculdade.

O doutoramento em Comunicação e Semiótica deu-se entre 2000 e 2004, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente, ministro aulas nos cursos da graduação e pós-graduação em Jornalismo e estou a braços com mais um desafio: a editoria geral de Âncora, Revista Latino-Americana de Jornalismo.

Narrar os acontecimentos da minha juventude até os dias atuais, com a ligeireza da escrita, pode levar os leitores a creem que toda essa trajetória se deu de maneira tranquila, sem percalços maiores. No próximo tópico, porém, ao mesmo tempo que tentarei organizar os eixos disciplinares da minha formação/atuação, inventariarei as dificuldades de acessibilidades atinentes a cada época vivida.

1.5 A costura dos tempos: dos eixos de formação ao rol das dificuldades

Do ponto de vista da história, assim como do desenvolvimento das políticas de atenção à coletividade cega e com deficiência visual, essa

minha trajetória está circunscrita a três grandes momentos. O primeiro caracteriza-se pelo que eu chamei, em trabalho anterior, de modelo do internamento dos cegos em “instituições totais” (Goffman, 1980). O segundo momento demarca o modelo ilusionista, abarcando os anos 80/90 e o início do século XXI. Finalmente, a era atual, caracterizada como era tecnológica, na qual vivemos os primeiros esforços mais significativos para a acessibilidade e a inclusão.

Ter experimentado essas três épocas permite-me reunir vivências que podem ilustrar situações e problemáticas vividas pela coletividade de pessoas cegas, guardando-se as devidas proporções, contextos e particularidades de cada pessoa.

Poderia afirmar, de modo geral, que cada uma dessas épocas demonstrou processos de invisibilidade que marcam a trajetória do desenvolvimento da cultura em relação à cegueira. O modelo de internamento, em certa medida, afastou os indivíduos cegos do convívio com a sociedade, e, por assim dizer, dos processos normais de educação, formação profissional e sociabilidade. Revelava-se, nesse período, um binômio catastrófico: o Estado demonstrava-se inábil para acolher as pessoas com deficiência em seus modelos socioculturais de desenvolvimento e, assim, legava à caridade, sobretudo, a criação de espaços especiais para o atendimento dessas pessoas.

O modelo ilusionista dá um passo à frente, reconhece-se a obrigação do Estado para com a educação de todas as pessoas, assim como se estabelece que são o Estado e a sociedade que terão de se adequar para acolher pessoas com deficiências nas suas necessidades e no desenvolvimento de competências e habilidades.

O modelo ilusionista vive, pois, sua fase atual, em que se espera que a acessibilidade e a inclusão não sejam mais realizações experimentais, mas, antes, políticas de estado instituídas por força de um marco legal competente e consolidadas nos diversos interstícios da sociedade.

Há um esforço no sentido de se reconhecer a igualdade na diferença, entretanto persistem, cristalizadas na cultura, marcas da invisibilidade dessas pessoas, seja no que toca ao acesso aos bens culturais, seja no pleno usufruto dos direitos de cidadania.

Antes, porém, de tratar do que chamarei de “novas barreiras para a acessibilidade e a inclusão”, quero discorrer sobre os achados reflexivos que a minha trajetória pessoal, associada às pesquisas desenvolvidas, me permitiram formular e com os quais reflito sobre a cegueira, a percepção tátil e a importância de darmos lugar a tais reflexões.

1.6 Pensar a cegueira como uma forma de visão

Quando observamos o imaginário forjado sobre a cegueira ao longo da história da cultura, nos deparamos, pelo menos até os primórdios do século XX, com um conjunto de compreensões que a tomaram como desgraça, castigo a ser expiado, sobretudo como patologia. num outro ângulo, operava uma espécie de visão mágica da cegueira, que também colocava seus indivíduos num patamar distante da normalidade.

Tais compreensões reverberaram sobretudo na ciência, que tomou a visão como o sentido mais importante e fundamental para a obtenção de conhecimento e em geral pensou a cegueira como patologia, geradora de incapacidades naqueles que a possuíam.

O avanço das ciências do cérebro, assim como da antropologia, biologia e psicologia, entre outras, foi aos poucos rompendo com esse modo de pensar, forjando, portanto, compreensões da cegueira como força e como potência.

Seria longo referir aqui, o conjunto dos autores que transformaram fundamentalmente as compreensões das ciências com respeito à cegueira. Vale, entretanto, destacar alguns nomes que têm sido fundamentais para essas transformações.

Maturana (1997) e Varela, Thompson e Rosch (2003) refletiram sobre a percepção e a cognição como experiências encarnadas no corpo, além de contribuir com inúmeros outros conceitos e reflexões inspiradoras da construção de um pensamento da cegueira como potência. Sacks (1989, 1995) retomou com vigor o imperioso debate de se reconhecer a cegueira, suas particularidades e sua qualidade de ser uma experiência positiva, desde que atendidas as necessidades desses indivíduos no que toca à educação, ao trabalho, à cultura.

Gardner (1994) colaborou para uma compreensão de competentes processos cognitivos que podem ser desempenhados por crianças cegas, desbancando uma visão incapacitante da cegueira predominante nas ciências clássicas.

Um alentado e recente estudo de referência sobre a cegueira, realizado no Brasil, é a tese de doutorado de Olivia von der Weid, sob o título *Visual é só um dos suportes do sonho: práticas e conhecimentos de vidas com cegueira*. Defendida em 2014, a tese reflete e dialoga com um conjunto vasto de teorias e modelos, passando pelo modelo patológico até o chamado modelo funcional. Mais que isso, ilumina os debates sobre percepção, corporalidade, práticas de normalização da Educação Especial, entre muitos outros temas caros aos estudos da cegueira.

Pensar a cegueira como uma forma de visão é uma premissa, se quisermos, uma metáfora, que aparece também nos meus estudos, mas posso dizer que essa compreensão foi aos poucos engendrando-se no amálgama das minhas experiências pessoais em conjugação com as múltiplas leituras que fui fazendo ao longo da minha formação intelectual. A primitiva experiência com as pedras e o aprendizado do braille, são, por assim dizer, as matrizes fundadoras da ideia bruta, que, depois, converteu-se em conhecimento.

Pensar a cegueira como uma forma de visão exige que se reconheça, na ciência, na sociedade e na cultura, um modo particular de ser e estar no mundo, que não é “desgraça” nem patologia, mas, antes, um modo de ser e de estar no mundo que produz conhecimento e colabora com o conhecimento global constituído.

No doutorado, para precisar melhor essa compreensão, inspirada na concepção advinda da biologia de Jacob Von Uexküll (1899/1940), cunhei a expressão “mundividência tátil” para falar da experiência da cegueira, mais particularmente dos fenômenos da percepção e cognição, crucialmente dependentes do complexo tátil.

A primitiva lição das pedras, sem que eu percebesse na época, tinha me posto em contato com os processos sinestésicos que envolvem o corpo de uma pessoa cega em transação com o ambiente; a leitura e escrita braille, para além dessa ferramenta, é um profundo e competente diálogo entre mão e cérebro de uma criança cega, refazendo sinapses e conexões,

habilitando funções cerebrais, consolidando um gesto fundador do lugar da pessoa cega como intelectual na cultura da escrita.

Essa breve explanação do percurso teórico, com lacunas irreparáveis, permite-nos olhar para o avanço do pensamento científico sobre a cegueira. Mas nos leva a reconhecer que persistem, na cultura, no planejamento e na aplicação de políticas de atendimento, ou na falta dessas, os fantasmas de uma visão de mundo patológica, desvantajosa, ignorando ou invisibilizando a cegueira e a mundividência tátil, reforçando preconceitos e discriminações danosos ao desenvolvimento pleno da pessoa humana.

1.7 A infovia cibernética: um novo lugar de estranhamento da cegueira

O desenvolvimento da trajetória das pessoas cegas pode ser avaliado levando-se em conta o próprio desenvolvimento da comunicação, na qual estão demarcadas três grandes eras: a da oralidade, quando as pessoas cegas somente podiam expressar-se via comunicação oral (milhares e milhares de anos, até o fim da segunda década do século XIX); a do relevo (século XIX até a atualidade); e a da informática (contemporânea e que pode fazer declinar o uso do braille).

Nessas três épocas, em maior ou menor medida, a sociedade, pode-se dizer, operou com uma espécie de incapacidade de conviver com a cegueira. Na literatura, no cinema, esse imaginário forjou, para personagens cegos, finais felizes em que lhes era dado recuperar a visão. A era tecnológica saiu do romantismo para vender soluções de substitutos da visão; se quisermos, suportes tecnológicos para uma “visão mediada”. Nos limites desse artigo, não há como aprofundar a exploração dessa ideia, senão remetê-la a pesquisas e análises futuras.

Aqui, importa reconhecer que a tecnologia, por excelência, trouxe respostas reabilitadoras para muitas das limitações impostas pela cegueira ou pela falta de condições de acesso da própria sociedade. Estratégias de acessibilidade implementadas nos computadores e, mais recentemente, nas tecnologias móveis propiciam que pessoas cegas possam transitar nos ambientes virtuais com a mesma desenvoltura daquelas que enxergam.

Há que se reconhecer, entretanto, que muitos dos agentes da era informática desconhecem ou desconsideram a presença das coletividades cegas e com deficiência visual no ciberespaço. Tal como nas vias públicas e praças das cidades, nos museus e teatros, nos espaços públicos e privados para bens e serviços, na infovia cibernética, todos os dias, são forjadas barreiras virtuais de acessibilidade. Os cidadãos cegos de hoje, tal como ocorria nas épocas anteriores, inventam suas táticas de permanência no ciberespaço, mas, quando progredirem conquistando acesso, barreiras novas são forjadas.

Conforme argumentei em outro trabalho:

[...] O ciberespaço pode se configurar em um território que invisibiliza inúmeras comunidades, quando não implementa legendas textuais para conteúdos imagéticos, ou quando a maioria dos seus desenvolvedores desconhece as normas internacionais de acessibilidade na *web*. Paradoxalmente, é na ciberesfera onde as pessoas com deficiência podem ser vistas, graças aos processos de hipertextualidade e de hasteghização envolvidos. Esse é, porém, um território ainda difuso, onde os pontos de encontro, de conexão e de comunicação são frutos do improviso, do acaso, da interação espontânea e do número de curtidas (Sousa, 2017, p. 127).

No início do artigo, lancei uma questão primordial: a de que a cegueira é um lugar do qual se parte para olhar o mundo. Agora podemos contemplar a contraface dessa questão: como o mundo olha para a cegueira?

1.8 Considerações provisórias

Este texto tenta juntar experiência pessoal e formação intelectual, para, a partir da minha fala, aflorar alguns dos diversos temas que envolvem a cegueira e o debate sobre essa condição. Temos ciência da fragilidade da narrativa, no sentido de fazer cumprir a necessidade do aprofundamento das questões aqui abordadas. Temos ciência, porém, do inacabado, da incompletude que sempre preside a tarefa intelectual de pensar, tendo como única armadura a memória e as palavras.

A academia está povoada por esse esforço intelectual de descrever e explicar a cegueira e suas trajetórias, particulares ou coletivas. Minha

trajetória com a cegueira me ensina todos os dias. Minha trajetória com a cegueira justifica, todos os dias, a ideia da força e da potência, assim como me mostra os fracassos e os sucessos da sociedade no sentido de humanizar a convivência com pessoas cegas.

Assim, tentando explorar a última questão proposta, digo que o mundo atual olha para a cegueira com espelhos diversos e que muitos desses espelhos estão atravessados pelos antigos fantasmas da patologia, do preconceito, da indiferença.

A visão mediada, servida por dispositivos tecnológicos, é o novo patamar que se apresenta, seja para realizar o milagre inventado pela literatura e pela telenovela, seja para criar novos lugares de discriminação, visto que a maior parte desses dispositivos milagrosos têm preços proibitivos para a maior parte das pessoas cegas, advindas das camadas mais pobres da sociedade.

Ao tempo em que concluo esse artigo, provavelmente, em muitos lugares do mundo, estão sendo gestadas soluções tecnológicas hipercaras, que propiciam que uma pessoa cega leia textos impressos, reconheça rostos, possa tocar em elementos intangíveis, como uma imagem vinda do espaço. As gigantes tecnológicas do mundo, como *Microsoft*, *Google* e *Apple*, trabalham febrilmente para que pessoas cegas possam reconhecer, via dispositivos e/ou aplicativos tecnológicos, a grande avalanche de imagens que povoa a sociedade atual.

Tal como ocorria nas sociedades antigas, nas quais somente os cegos afortunados eram vistos, as conquistas tecnológicas da sociedade contemporânea só chegam a uns poucos afortunados.

Ao longo da sua trajetória milenar, a cegueira inventou modos de ser vista. Fosse cantando nas feiras públicas, fosse escrevendo em braille, fosse engrossando as lutas políticas por melhores dias para todos. Em todos os tempos, cegos rejeitaram um lugar ora privilegiado, ora desvantajoso, ora quase divino, ora quase invisível. Em todos os tempos, cegos quiseram ser vistos como eles são: pessoas que tocam nas palavras para forjar sua leitura de mundo.

Tal como nas sociedades antigas, esse é também um desafio a ser cumprido na sua plenitude na sociedade contemporânea.

Parte II

Minha formação e os seus desdobramentos

2.1 O bacharelado em Jornalismo (1978/1981)

Estávamos em janeiro de 1978. Não vou me recordar do dia, mas sei bem que era de manhã. Na sala da minha casa, diante do grande rádio da família, como que em transe, escutava o locutor apresentar os resultados do vestibular daquele ano. As listas eram intermináveis, e meu coração estava apertado. Finalmente, escutei o meu próprio nome na lista dos aprovados para o curso de Comunicação social. Soltei um brado de alegria e, naquela noite, fui comemorar a façanha com meus amigos. Rever aquelas lembranças, hoje tão esparsas e misturadas, me faz pensar na garota que eu era.

Eu tinha 21 anos, e, pode-se dizer, toda a minha bagagem cultural vinha dos livros que eu lera avidamente na biblioteca da escola especial, somados aos estudos nos colégios Estadual Santa Júlia e Estadual de Bayeux, onde concluí o ginásio, e a formação do Ensino Médio, no Liceu Paraibano, onde cursei o primeiro ano científico e de onde parti para a Escola Normal de Santa Rita, onde concluí o curso pedagógico.

É provável que eu não tenha me dado conta, na época, de que eu seria a primeira mulher da minha família, ao lado do meu irmão José Belarmino, a ingressar num curso superior. Numa família de 13 filhos, esse era um feito e tanto. Hoje, pelo menos cinco de nós fizeram universidade e dois, pelo menos, eu e meu irmão Belarmino Mariano Neto, fizemos o doutoramento.

Lembro-me vagamente do primeiro dia de aula. Novamente, tal como no primeiro ano da escola especial, me vi a braços com um mundo novo, completamente desconhecido para mim, o qual, aos poucos, foi me envolvendo, me deslumbrando e revelando a mim mesma o profundo amor, a intensa curiosidade que sempre tive pelo conhecimento. Foi somente na universidade que pude compreender os duros tempos que estávamos vivendo.

Sim, eu era filha do “meu Brasil, eu te amo”. Toda a minha adolescência havia sido regada pelas músicas da Jovem Guarda, a literatura juvenil dos autores clássicos brasileiros e internacionais. Na faculdade, conheci a palavra ditadura e, mais que isso, entendi a profundidade do seu horror.

Eu amava as aulas de Ciências Políticas, com o professor Rubens Pinto Lira. Adorava a disciplina de Sociologia, de Língua Portuguesa com a querida professora Gizelda Navarro, e não compreendia muito bem os estudos sobre OSPB, Organização Social e Política Brasileira. E veio o professor Jomard Muniz de Brito, com sua irreverência. Foi ele que me presenteou com uma fita cassete com poemas gravados pelo próprio Carlos Drummond de Andrade.

Minha turma. Preciso falar sobre a minha turma. Socorro Andrade, Silvana Sorrentino Ana Cananéia, Aninha Sá, Josmar, Nilma Almeida, Marineide, Enildo Paixão, Pedro Nunes Filho, Não vou me lembrar de todos os nomes aqui. Eles estão no nosso convite de formatura. Minha turma era um exemplo de afetividade, companheirismo, respeito, tanta coisa boa junta que guardo para sempre em meu coração esse convívio adorável.

As disciplinas práticas também me empolgavam. Em Jornalismo Especializado, com o professor Luiz Custódio, pude produzir minha primeira grande reportagem sobre a Igreja Católica e a crise na formação de jovens para o sacerdócio. O professor Jório Machado, a quem reverencio *in memoriam*, me deu a primeira oportunidade para reportagens *freelancer* em seu semanário O Momento.

Era uma aventura produzir aqueles textos. O jornal não me oferecia condições materiais, mas, ainda estudante, o desafio não me amedrontava. Com meu irmão, Mariano Belarmino Neto, ia atrás dos meus entrevistados: ele com uma máquina fotográfica, eu com meu gravador e minhas perguntas.

Naquela época, descobri, eu só sabia fazer jornalismo literário. Havia em mim um impulso, uma vontade meio infantil, para que tudo o que eu narrasse fosse de leitura esteticamente agradável. A primeira reportagem foi sobre as lavadeiras de rio, e a migração para as lavanderias comunitárias. A segunda flagrou o lambe-lambe, fotógrafo de rua, e fui encontrá-los e falar com eles no ponto de cem réis. A terceira reportagem entrevistou também os vendedores de discos de vinil. Já não me recordo do tema da quarta reportagem. Me lembro de que eu datilografava os textos na minha máquina Olivetto e, no dia combinado, ia com meu irmão à redação para levar a reportagem e as fotos. O professor Jório entregava o material a Maria José Limeira, e eu ficava em suspense, até que escutava sua voz forte: “Pode descer, neguinho”. Era a chave. A reportagem tinha sido aprovada. Foi uma experiência curta e gratificante, interrompida provavelmente pelas muitas obrigações de estudante e a militância.

Sim, na faculdade, nasceu em mim a militante. Vivíamos um período de forte efervescência política. Mais que isso. Algo destravou em mim lembranças antigas da infância. Aos poucos, foi se desvelando, para mim, a vida de injustiça vivida pelos meus pais e por todos os camponeses que trabalhavam duro, no interior de Pernambuco, pela sobrevivência.

Somente na faculdade, vi com clareza cenas que ficaram gravadas em minha memória, mas que, até então, eu não atinava com seu cerne. Recordo-me, por exemplo, da voz triste do meu pai, ao final da colheita, dizendo que não houve lucro. A voz igualmente triste da minha mãe, falando que tudo o que haviam colhido só daria para pagarem as dívidas feitas o ano todo na conta do patrão fazendeiro. Me recordo de um dia. Eu devia ter uns oito anos. Meu pai, com as mãos trêmulas, contando o pouco dinheiro que recebera no fim da colheita e o entregando ao meu irmão Raul para que ele pudesse construir uma casinha de taipa onde ia viver com sua mulher após o casamento.

A universidade vivia a efervescência política do final da década de 70. O movimento estudantil abraçava as tendências políticas de esquerda e, no cur-

so de Jornalismo, predominava a militância dos estudantes em dois grupos principais: o Partido Comunista do Brasil e o nascente Partido dos Trabalhadores. Me juntei ao último grupo e participei com meus colegas de passeatas, assembleias e atos em defesa da democracia, dentro e fora da universidade.

Sem conhecer a real história dos horrores da ditadura, me recordo de romantizar a situação junto com minha amiga Socorro Andrade. Vivíamos uma fantasia de que havíamos sido presas pela repressão e trocávamos cartas nas quais relatávamos sessões imaginárias de interrogatórios e torturas.

No curso de Comunicação Social, nasceu em mim a jornalista, aquela que eu já sabia que queria ser desde a adolescência. E, com a jornalista, gestou-se a militante. Nos anos finais do curso, conheci a professora Zélia Maluza Stein. Ela foi, aliás, a patrona da nossa formatura. Com ela, conheci os fundamentos das ciências da linguagem, os rudimentos da semiótica e da semiologia.

Zélia tinha vivido exilada no Paraguai. E passou pouco tempo conosco. Um atentado à sua casa fez com que partisse novamente em busca de segurança. Transcrevo aqui uma crônica que fiz, em 2015, quando entreguei à Comissão da Verdade local um relato e toda a documentação de Zélia, que me fora confiada via correio para esse fim. Àquela época, não tinha a menor ideia de que Zélia morreria pouco tempo depois, vitimada por um câncer e em meio a uma luta travada para que se reconhecessem na Paraíba, na UFPB, as condições desvantajosas do salário do seu marido, frutos da perseguição pela ditadura.

2.2 Verdade: os mantos e as lacunas que a recobrem

A Paraíba vai tentar recuperar, para expor ao Brasil e ao mundo, as páginas da história dos anos de chumbo. Levantará nomes, cotidianos desfeitos ou obscurecidos, torturas. Inventariará, através de papéis amarelados ou vozes trementes, memórias de futuro.

O trabalho será árduo, mas contará com experiências do quilate da historiadora e professora Lúcia Guerra, com o vigor e a perícia investigativa do jornalista e sindicalista Rafael Freire, além de tantos outros nomes significativos que compõem a nossa “Comissão da Verdade” local.

Cada pedaço do nosso rincão paraibano tem linhas e linhas da sua história particular daqueles anos. Nomes que precisam ser exumados do esquecimento, passagens que necessitam ganhar relevo e ser fixadas na memória do presente.

Se me fosse dado falar daquele tempo, eu me lembraria da minha professora de comunicação Zélia Maluza Stein. Veio para João Pessoa em fins de 1979, mas ficaria aqui poucos meses. Me lembraria de duas marcas da sua personalidade: a extrema delicadeza com que tratava seus alunos e o tom de reserva e de tristeza que eu podia notar na sua voz.

Se me fosse dado falar, pediria à nossa “Comissão da Verdade” que vasculhasse no Correio da Paraíba, em sua edição de 29 de janeiro de 1981, e procurasse por uma reportagem sobre a Lei para os Estrangeiros. O depoimento de Daniel Sanchez, marido de Zélia, dispararia covardes represálias.

Vivemos pouco tempo com aquela professora de voz suave, porém tingida por uma tristeza profunda. Zélia fugiu de João Pessoa num dos dias daquele ano, ela e o seu companheiro uruguaio, Daniel Sánchez, com seu filho que tinha pouco mais de dois anos. Recomeçou o que já vinha fazendo ao longo dos anos de ditadura: saindo e chegando a lugares, abandonando sua vida nos desvãos onde habitavam o medo e a incerteza.

Naquele tempo, eu não podia compreender o horror do que vivíamos. Nós, jovens estudantes, tentávamos alinhar alguma compreensão daquele período com fiapos de conversas, canções de protesto e silêncio, grandes nacos de silêncio.

Somente no ano passado, por força da *internet*, eu e Zélia nos reencontraríamos. Reencontrar Zélia foi como me rever, tão jovem, tão completamente alienada da minha história, tão amargamente inconciliada com um tempo em que tantas pessoas viveram como mortos-vivos, despojados dos seus sonhos, das suas vidas.

Zélia Maluza Stein, capixaba, fugiu de João Pessoa às pressas, levando seu filho pequeno e um vazio no coração, pois já tinha sido separada da sua primeira filha, anos antes, em 1969, quando buscou asilo político no México. Zélia Maluza Einstein, perseguida política em vários municípios brasileiros. Zélia Maluza Einstein, clandestinamente sequestrada em 1976, pela polícia brasileira, torturada pela polícia do seu país e do Uruguai.

Não, queridos leitores, essa coluna é muito pequena para a escrita da crônica de Zélia. O seu relato é imenso pela monstruosidade do que lhe fizeram, por isso confio à “comissão da verdade” o desvendar de pelo menos o capítulo paraibano do seu sofrimento. Zélia vive no Uruguai, junto da sua família. Zélia vive, mas tem sobre si o manto da dor e da angústia.

Retomando o fio da narrativa dos meus tempos de formação universitária, preciso fazer, aqui, uma breve anotação sobre o tema da acessibilidade, ainda que, naquela época de estudante, eu não pensasse, em nenhum momento, no desafio de cursar uma escola de Jornalismo para uma pessoa cega, de família humilde, e, mais que isso, em uma universidade na qual não se discutia ainda o tema da inclusão e da acessibilidade. No meu curso, não havia qualquer bibliografia em braille. As leituras que fiz no curso ocorriam em colaboração com os colegas. Verdade seja dita, as sessões de estudo, muitas vezes, convertiam-se em sessões de brincadeiras e conversas, muitas conversas.

As disciplinas práticas foram cursadas muito mais de um modo curioso. Eu estava lá, escutava os ensinamentos, prestava atenção ao riscar dos lápis e posicionar das régua nas aulas de diagramação. De verdade, eu não sofria. Sabia que nunca seria repórter fotográfica, tampouco diagramadora. Eu só queria escrever, narrar.

O estágio experimental, tarefa final que completaria nosso curso, foi, para mim, motivo de orgulho. Escolhi o rádio como meio de treinamento, e, junto com meu colega Marcos Figueiredo, apresentávamos o jornal na rádio corredor, formada por autofalantes dispostos nos postes das passarelas do nosso centro.

Com meu braille e minha máquina Perkins, copiava as notícias do dia e as lia em parceria com meu colega, sentindo-me grata por estar incluída e demonstrar competência e produtividade.

E veio 1981, o ano da minha formatura. Os protocolos, a solenidade e, depois, nossa irreverência na orla de João Pessoa. Bebemos rum com coca cola e, pela madrugada, descalços, saímos a correr pelo asfalto e atiramos ao mar os pequenos canudos que nos haviam entregado, ao modo dos diplomas que estavam ainda sendo providenciados na Reitoria.

2.3 A prática profissional no jornal O Norte (1981/1990)

Acabado o curso, eu passava os dias imersa numa espécie de leveza, de vazio. Não pensava muito sobre o que viria e tocava meu trabalho como professora primária de crianças cegas, no Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha.

Me formara no início de agosto e, contra todas as expectativas, no final da primeira quinzena daquele mês, eu era chamada para um teste no jornal O Norte, no qual já atuavam outros colegas meus da faculdade.

Na tarde do dia 15, fui conversar com o editor, Evandro Nóbrega. Não me recordo bem sobre o que falamos. No dia seguinte, iniciei meu trabalho na redação. No domingo seguinte, Evandro publicava, em sua coluna, um texto sobre mim: *A surpresa que Joana é*.

Minha temporada em O Norte durou quase nove anos. Foi um tempo de muito aprendizado. Eu não via os olhares dos outros; então, quando contemplo aquele período, não sinto que a minha cegueira fizesse muita diferença no trabalho.

Mas, numa época em que sequer imaginávamos o progresso informático que viria pouco mais de uma década depois, eu enfrentava obstáculos e dificuldades. Todos os dias, na primeira hora da redação, meus colegas liam o jornal do dia. Eu ficava de parte. Não via o meu próprio trabalho, tampouco lia as seções interessantes, como as áreas da reportagem e de entrevistas.

Meus colegas recebiam suas pautas escritas. As minhas pautas eram dadas de forma verbal pelo secretário de redação. Seguíamos no carro da reportagem para cumprimento de pautas, ainda que, muitas vezes, eu ficasse no plantão da redação para cuidar das notícias que chegavam em direto. Sair à rua com pautas determinadas era mais tranquilo. Ficar no plantão da redação era ter que esperar que a notícia viesse até você. Mas nem sempre a notícia chegava. Era garimpar e atualizar os fatos via telefone, o que muitas vezes também se revelava tarefa infrutífera.

Muitas vezes, até hoje, enquanto durmo, tenho um sonho recorrente. Estou na redação do jornal, buscando notícias, mas o dia me deixa de mãos vazias.

Nos dias em que a produção era baixa ou nula, eu sentia inveja da minha amiga Socorro Andrade, que podia rever e atualizar suas matérias antigas. Em alguma medida, eu tentava colmatar essas lacunas com matérias de denúncias do meu bairro. Meus vizinhos sabiam que eu trabalhava no jornal, então me pediam para denunciar falta de energia e de água, condições precárias das ruas, entre tantos outros problemas.

Nesses dias em que o expediente se encerrava sem que eu houvesse produzido uma lauda sequer, a angústia me acompanhava nos ônibus em que fazia o trajeto de volta pra casa.

Havia muitos jovens como eu na redação, trabalhando lado a lado com os jornalistas veteranos, muitos dos quais não haviam passado pela escola de Jornalismo.

Às vezes, penso que fizemos diferença na cobertura jornalística. Vivíamos o final da ditadura, mas impúnhamos ao jornal muitas pautas que davam voz aos sindicatos de esquerda, aos trabalhadores sem-terra, às lutas ecológicas que tinham como figuras de proa Paula Frassinetti e o biólogo Lauro Xavier.

Minha literatura continuava me ajudando. Congressos importantes como os de antropologia e história eram sempre pautados para mim. Tenho orgulho de algumas coberturas. Em O Norte, fiz a primeira notícia sobre o fim da pesca da baleia na Paraíba. Cobri uma coletiva com o presidente Lula quando ele era deputado federal. Entrevistei Rosi Mari Muraro, Sivuca, Walter Feldman e, mesmo de férias, em 1987, fiz uma longa entrevista de página inteira com o poeta Mário Quintana, acompanhada do meu marido, Lau Siqueira, poeta gaúcho radicado na Paraíba.

Mas também havia frustrações. Um momento que me entristecia era aquele em que chegávamos à redação, e meus colegas pegavam o jornal do dia para lerem suas matérias. Ali, eu ficava triste do mesmo modo quando, na infância, na escola comum, minhas colegas jogavam *ping-pong* e eu não podia participar. Um dia, Chico Pereira, colunista de O Norte, escreveu uma crônica sobre mim: *A Página que ninguém lê*. Sim, havia uma página que ninguém lia para mim e que eu própria escrevia, mas não podia ler.

Trabalhávamos em velhas máquinas de datilografia e, como eu não podia revisar meus textos, cuidava de produzir uma página sem erros ou com o mínimo de erros possível. Meu cérebro trabalhava o tempo todo. Colhia os dados das notícias, e, mesmo no trajeto de volta à redação, organizava na cabeça o modo como iria redigir o texto. Não sei se é verdade ou exagero, mas havia um dito na redação de que o meu texto era o mais limpo de todos.

Eu adorava o trabalho em O Norte. Em 1983, já plenamente estabelecida no emprego, deixei o ensino primário no Instituto Adalgisa Cunha e passei a atuar na Secretaria de Comunicação do Estado. O jornalismo me empolgava. E, com ele, minha vida foi ganhando novos rumos. Conheci o companheiro Lau Siqueira, com quem dividi militância política, amor pela literatura e nossas duas filhas, Mayra e Mariana, nascidas em 1986 e 1987. A maternidade nunca me impediu de trabalhar. As primeiras contratações para o nascimento de Mayra foram sentidas na redação de O Norte. Antes de Mariana nascer, poucos dias antes, participei de uma longa coletiva com a atriz Bibi Ferreira.

As memórias não vêm todas na sua ordem. Preciso anotar ainda o capítulo da militância. No jornal, enveredei muito cedo, junto com meus colegas, no âmago da política sindical. Tornei-me membro da diretoria do Sindicato Profissional dos Jornalistas e participei ativamente das duas grandes greves gerais de trabalhadores, em 1989 e 1990.

Muitas recordações desse período me acodem agora, como a luta que empreendíamos para que o jornal do dia seguinte não circulasse durante a greve. Em geral, ficávamos aquartelados na frente das empresas, fazendo piquetes e protestos. Me lembro de uma manhã, a pedido da chefe de reportagem que apoiava o movimento, em que entrei na redação para retirar, da sua gaveta, todas as matérias programadas para o jornal do dia. Noutra manhã, no pico do meio-dia, em frente ao jornal Correio da Paraíba, nos deitamos no asfalto e paramos o trânsito por vários minutos.

Eu geralmente era uma das convocadas para mobilizar os companheiros que não haviam aderido à greve, empunhando o microfone no carro de som. Dessa minha atuação, gerou-se uma espécie de piada, que, depois, era narrada com risadas dos colegas. Eu estava ao microfone, em frente ao Jornal O Norte, convocando os companheiros para o “enterro simbólico”

dos nossos patrões. No mesmo momento em que eu fazia o chamado, os empresários assistiam a tudo, postados na parte interna da entrada do jornal.

Na audiência judicial, ao ler o trecho dessa minha convocação, o próprio juiz sorriu ao ler a expressão: “A jornalista incitou os colegas a participarem do enterro simbólico de Marccone Góis e Teócrita Leal”.

Com o fim da greve, muitas cabeças rolaram, inclusive as nossas, integrantes do sindicato. A justiça obrigou as empresas a nos reintegrarem, mas, sobretudo na redação de O Norte, o ambiente ficou bastante hostil. Éramos vigiados, perseguidos, hostilizados. Se eu chegasse ao jornal três minutos depois das 14 horas, não me permitiam assinar o ponto.

Numa tarde, sentindo-me profundamente angustiada, sentei-me à mesa de trabalho e digitei, numa das velhas máquinas da redação, uma carta em que eu fazia uma proposta de acordo. Era um salto no escuro. Eu tinha duas crianças pequenas e uma nuvem de incertezas, mas nunca soube estar num ambiente onde houvesse hostilidade, perseguição. Sim, foi um grande salto no escuro, impulsionado pelo medo; o medo, ele que sempre alimentou minha coragem.

Rever agora esses nove anos de atuação no impresso me traz um sentimento de profunda gratidão por essa fase da minha vida. Sair de casa, tomar o ônibus, chegar ao jornal, sentir o clima ora eletrizante ora silencioso da redação, construir amizades e desafetos, lidar com o texto jornalístico como que me fizeram engendrar o solo originário que me encaminharia para a docência universitária.

Ter desejado e haver sido jornalista, numa época de muitas adversidades para uma pessoa cega nessa profissão, foi não somente um ato de coragem. Foi, sobretudo, a afirmação da minha condição de pessoa humana, pessoa investida de vontades, de determinação e de abertura para os desafios.

E, agora que este texto será publicado, ocorre-me uma outra questão. Minha presença na redação de um jornal diário, num período em que não havia outras ferramentas de acessibilidade para uma pessoa cega, senão o braille, o gravador e a minha competência na datilografia, comprova algo simples e fundamental: eu tive uma oportunidade e fui uma pessoa

atuante, demonstrando ao jornalismo que uma pessoa cega pode ser profissional proativa e potente.

2.4 A especialização em Metodologias da Comunicação (1987/1988)

Ainda trabalhando no jornal, participei do primeiro curso de especialização em Metodologias da Comunicação. Foi uma experiência importante, uma espécie de atualização dos estudos acadêmicos.

Ainda que sacrificando horas de descanso e de cuidado com as meninas, foi um tempo para rever queridos mestres, como os professores Antônio Fausto Neto e José Luiz Braga, e reforçar meus estudos no campo das teorias da linguagem.

O curso contou com coordenação do professor Cláudio Paiva, e realizei, como trabalho final, uma análise de discurso sobre o programa “Palavra de Honra”, do então governador Tarcísio Burity, na rádio Tabajara.

Foi um tempo de renovação do meu entusiasmo pelo conhecimento científico. Revi as teorias próprias das ciências da linguagem, atualização que me encaminharia ao doutoramento no ano de 2000.

2.5 O retorno à academia: o mestrado em Ciências Sociais (1992/1996)

Logo que concluí o curso de Comunicação Social, em 1981, tinha acalentado a ideia de cursar o mestrado em Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cheguei a preencher o formulário de inscrição e encaminhei toda a documentação a uma colega que estudava lá. Ocorre que, ao preencher o seu endereço, o fiz com alguma incorreção e assim perdi as inscrições e a possibilidade de fazer a seleção.

Às vezes, me pergunto qual e como teria sido o meu percurso acadêmico, caso eu tivesse sido aprovada naquela pós-graduação. O certo é que segui o curso da minha vida profissional, com toda a trajetória relatada até aqui, culminando, em 1992, com minha aprovação para o mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

Durante o curso, posso dizer, aprofundei conteúdos que havia visto nas disciplinas de Sociologia e Ciências Políticas cursadas na graduação. Estudei as teorias positivistas de Durkheim, os aportes teóricos do marxismo e alguns contributos da sociologia compreensiva de Max Weber. Gratificante, ainda, foi conhecer o pensamento de autores como Martin Buber e Right Milz, assim como a fenomenologia de Alfred Schutz.

Sob a orientação do professor Dr. Gilvandro de Sá Leitão Rios, produzi minha dissertação de mestrado, investigando a temática do estigma na perspectiva de compreender os grupos estigmatizados em luta por sua cidadania plena. Os aportes teóricos envolveram os estudos de Erving Goffman sobre a identidade deteriorada; os contributos de Pierre Bourdieu sobre as concepções de *habitus* e de campos; fundamental também foi a antropologia de Clifford Geertz, que me acompanharia ainda nas reflexões do doutoramento.

A pesquisa de campo realizou-se na Sociedade dos Cegos da Paraíba. Adotei como procedimentos principais a pesquisa documental, através da análise de atas, estatutos e regimento da entidade, e as notícias de jornais sobre a atuação da entidade. Adotei ainda a entrevista semiestruturada a fim de compreender o imaginário dos membros da associação, com respeito à construção das suas identidades assim como ao sentimento de pertença ao agrupamento do coletivo, suas crenças a respeito da atuação da entidade. A defesa do trabalho somente se daria em 1996, quando eu já estava na docência na condição de professora auxiliar.

Em 1997, tendo aprovado um projeto junto à União Latino-Americana de Cegos (ULAC), transformei a dissertação em livro, publicado pela editora Ideia sob o título *Associativismo e Política: A Luta dos Grupos Estigmatizados pela Cidadania Plena*. A obra circulou por todo o país, constituindo-se em trabalho de referência para estudos sobre movimentos sociais, pessoas com deficiência e luta pela cidadania.

Será importante, aqui, fazer uma ressalva sobre minha militância junto ao movimento de pessoas com deficiência. Ela se iniciou aos meus quinze anos, no tempo em que deixei a escola especial e fui viver em casa dos meus pais. Estávamos na década de 70 do século XX, e, em todo o país, vivia-se

o chamado modelo integracionista na Educação Especial. Se proclamava o fim das escolas especiais ou a sua restrição como internato para adultos.

Por essa época, criou-se a Sociedade dos Cegos da Paraíba, que agrupou os adultos cegos saídos do internato. A militância inicial conjugava interesses de convivência, interação e, com o passar do tempo, a clara luta por direitos de cidadania. Minha atuação, entretanto, não ficou restrita ao movimento associativista das pessoas com deficiência. Já na casa dos meus pais, comecei também a participar de movimento de jovens da comunidade. Essa atuação, a partir dos meus dezenove anos, e coincidindo depois com o ingresso na faculdade, evoluiu para a militância política no recém-criado Partido dos Trabalhadores e no movimento estudantil.

O jornalismo insuflou em mim os ingredientes para a luta pela defesa de um projeto global de cidadania, ao tempo que fui construindo uma espécie de reflexão crítica sobre o movimento das pessoas com deficiência, fechado em si mesmo e muito centrado nas suas lutas específicas.

É certo que a luta específica por acessibilidade, acesso a bens e serviços, exige um envolvimento importante do nosso movimento. Mas estamos com uma dívida importante no que toca ao nosso movimento nas lutas gerais pela cidadania de toda a sociedade. Considero que, ao colocarmos a cegueira e a deficiência visual no centro das nossas lutas, em certa medida, abdicamos de um diálogo com as lutas da própria sociedade e aprofundamos o processo de invisibilidade que a sociedade nos devota.

2.6 A experiência como professora substituta (1993)

Entre 1991 e 1992, ocupei o cargo de Assessora de Defesa das Pessoas com Deficiência na nova Fundação Centro Integrado de Apoio às Pessoas com Deficiência (Funad). A saída do cargo levou-me a pensar em um concurso público para a docência universitária. Havia um concurso aberto para professor auxiliar na Universidade Estadual da Paraíba, *campus* de Campina Grande, e comecei a me preparar para o processo seletivo.

As provas foram realizadas em fevereiro de 1993 e fui aprovada em primeiro lugar, conquistando a vaga. Vivi, ao mesmo tempo, a alegria de ter sido aprovada e a angústia de ter de me separar da minha casa, das

minhas filhas. As meninas tinham três e quatro anos, e eu teria de passar parte da semana em Campina Grande. Eu teria trinta dias para tomar posse do cargo. Pesava os prós e os contras com um nó na garganta. Num daqueles dias, num barzinho, encontrei-me com o professor Wellington Pereira, que me disse, casualmente, que haveria uma seleção para professor substituto no curso de Comunicação da UFPB. Fiquei instigada. Eu havia estudado muito para o concurso de Campina Grande.

E eis que me preparei para um novo salto no escuro. Fiz a seleção e, novamente, estava aprovada em primeiro lugar. Impunha-se a questão: assumir a vaga permanente em Campina Grande ou ficar na UFPB em vaga temporária? Eu estava entre duas escolhas importantes e decisivas. E decidi pela escolha do coração. Decidi ficar na vaga temporária para não ter que me separar das minhas filhas, da minha casa, da minha cidade.

Foi um ano desafiador. A docência universitária era algo completamente novo para mim. Eu retornava à minha universidade, ali onde eu havia me tornado jornalista, para ensinar. O trabalho na docência já começa pra valer. Não há treinamento. Não há formação. De repente, você é investida do cargo, ganha uma sala de aula, e, no seu íntimo, não há nada que lhe dê a certeza de que, aos 35 anos, você é uma professora universitária. E como essa realidade reverbera no íntimo de uma pessoa cega? Como ser uma professora universitária num tempo em que não há livros em braille na área da comunicação e tampouco uma política consolidada na instituição de provimento de tecnologias para o exercício da carreira com alguma autonomia?

Naqueles dias, eu não elaborava desse modo essas questões. Naqueles dias, eu apenas vivia a nova realidade com as mesmas ferramentas que já me haviam auxiliado no passado. O medo me empurrava para a frente. Me infundia a coragem necessária para cada dia. Trabalhava pesado. Colada aos livros, aos conceitos, aos ditames das ciências da comunicação como espécies de vigas nas quais eu me segurava, como se fossem eles as âncoras necessárias que me garantiriam aquele lugar de docente.

As primeiras aulas foram construídas a partir dos rascunhos em braille que eu tinha acumulado ao longo da minha preparação para o concurso público. Naqueles primeiros meses, e mesmo depois, foi fundamental a colaboração do meu ex-marido, que gravava conteúdos indispensáveis

para minhas aulas de teorias da comunicação, uma das primeiras disciplinas ministradas.

E o desenrolar dos acontecimentos provou-me que eu havia dado um salto certo. No ano seguinte, 1994, abriu-se nova seleção para professor auxiliar permanente. E eis que novamente eu estaria à frente de uma nova banca, na luta pela vaga. Lembro-me de haver feito a prova escrita numa das velhas máquinas de datilografia na qual, muitas vezes, eu escrevia nas aulas práticas da graduação. O tema que nos coube versava sobre os novos paradigmas e o seu impacto nas ciências sociais e, sobretudo, na comunicação.

Escrevi e escrevi, páginas e páginas que eu não podia corrigir e que, provavelmente, levaram para a banca examinadora alguns erros de digitação. Eu havia me preparado. Poderia dissertar sobre qualquer um dos dez pontos do programa. Aquele, por excelência, era um dos conteúdos da minha predileção. Alcancei uma nota alta, nove e meio, e fiquei na melhor posição dentre os mais de dez candidatos concorrentes. E veio a aula didática. O ponto que me coube, “O marxismo e seus aportes teóricos para o campo da Comunicação”, era uma pauleira. O tempo era curto para preparar a aula. Senti como se estivesse caminhando num deserto. O marxismo, enquanto teoria geral, não deixara elementos claros sobre o campo comunicativo. Era necessário buscar tais contributos nos teóricos frankfurtianos, e, assim, planejei os conteúdos daquela aula.

Na véspera, meu marido chegou com um texto de Edgar Morin, publicado na revista *Famecos*. Não vou me recordar do título, mas tratava do marxismo, sua atualidade e seus limites. Ele fez uma leitura rápida do texto para mim, e, de repente, fez-se a luz. Sim! As ideias de Morin me apoiaram tanto para problematizar a abertura da minha aula quanto para o seu fechamento. Aquele texto como que me apontou o caminho do oásis, da água, na aridez daquele deserto onde eu me encontrava.

Ensaiei minha aula e, na tarde da prova, entrei na sala munida com meu planejamento em braille e o meu medo a me infundir toda a coragem de que eu precisava. Novamente, tal como na minha atuação no jornalismo, o braille era a ferramenta principal, a tecnologia por excelência para que eu pudesse seguir o roteiro preparado para aquela aula. A aula era pública. Muitos dos professores do então Decom estavam presentes.

Próxima ao birô, depois de haver distribuído as cópias do plano para a banca, falei por cinquenta minutos, discorri sobre os limites do conhecimento humano, trouxe o tema da aula, abordei toda a contribuição dos frankfurtianos para o campo comunicativo e, finalmente, dialoguei com as ideias de Morin sobre a atualidade do marxismo e sobre os seus limites, radicados sobretudo na natureza preditiva dos seus aportes acerca do fim do capitalismo.

Fui aprovada com a nota máxima, e era a segunda vez, em menos de dois anos, que eu conquistava uma vaga para a docência universitária. Em outubro de 1994, eu assumia a vaga de professora auxiliar nível 1 e, revendo agora esse tempo, acho que foi ali que comecei a ganhar como que uma pele nova, uma espécie de tecido diáfano; melhor dizendo, uma espécie de apropriação de um lugar que eu havia conquistado e para o qual eu me disporia a dedicar essas milhares de horas de trabalho ao mesmo tempo árduo e gratificante.

2.7 Os primeiros anos de docência (1994-2000)

No início dos meus anos de docência, as disciplinas a mim atribuídas eram, na sua maioria, do campo teórico da Comunicação. Teorias da Comunicação 1 e 2, Comunicação Comparada, Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. Para ministrar as aulas, eu estudava muito. Recordo-me de haver produzido um caderno de textos, no primeiro ano, para a disciplina Teorias 1. Era um modo de fazer apontamentos das minhas leituras e reunir conteúdos em um único local, visando facilitar a vida dos estudantes. Com o apoio do professor David Campos Fernandes, imprimimos o caderno na gráfica da editora universitária e o distribuímos na pasta da xérox. Nele, estavam os resultados das minhas leituras de Mauro Wolf, Bárbara Freitag, Frank Dance, Roberto Elias de Souza, J. P. Thompson, entre outros.

Gostaria de encontrar uma concepção adequada para refletir sobre minha prática nesses primeiros anos de docência. Na minha trajetória acadêmica, encontro em mim dois modos de praticar a docência. O primeiro é aquele da escavação, da conquista do solo da prática.

Ali eu era a docente acumuladora de conteúdos, tentando imprimir às aulas uma espécie de certeza sobre o conhecimento comunicativo, uma

espécie de reflexão crítica, tudo assentado num lugar de fala que era meu, um lugar de fala no qual eu me sentia como a única responsável por passar o conhecimento para os alunos.

Não, não se tratava de autoritarismo como alguns podem imaginar. Ali, era eu própria que buscava retomar o meu próprio caminho da graduação para nele, e para além dele, construir-me como professora universitária.

Revedo hoje esses primórdios, penso que, em alguma medida, eu estava barrando o processo de conhecimento. Sim, o conhecimento não se faz por mão única; ao contrário, ele se manifesta na fricção entre as ideias, na associação de pensamento compartilhado e, sobretudo, no fazer coletivo.

Mas nem tudo era essa aridez que descrevo. Eu queria que os alunos não vivessem o choque que eu própria havia vivido na graduação. O conhecimento que eu recebia me era totalmente estranho. Havia muita zona de sombra, quase nenhuma luz, por aquelas frestas tão estreitas. Eu compreendia, porém, que, para se galgar alguma compreensão, seria necessário trabalho duro do cérebro, trabalho duro de pensar.

Já naquela época, por intuição, às apalpadelas, eu tentava criar ambientes mais amenos para a fruição e o regurgitamento das teorias. Exemplos são as gincanas do conhecimento organizadas em Técnicas e Métodos de Pesquisa em Comunicação, os vídeos e conteúdo de áudio feitos pelos alunos na disciplina de Comunicação Comparada e as músicas instrumentais de Uakti para que eles pudessem pensar sobre um problema teórico em Teorias da Comunicação.

O meu segundo modo de ser docente veio depois, com o doutoramento. Dele, eu falarei no tópico apropriado. Prossigo, pois, na recuperação dessas memórias, que agora germinam como brotos guardados. Naqueles primeiros anos, impunha-se uma dificuldade que me angustiava. Eu não podia ver os rostos dos meus alunos. Não tomava ciência das suas expressões de dúvida, de desatenção ou dos lampejos de alegria por haverem compreendido algo. Não tinha ideia da fisionomia de cada um, do modo como se vestiam. Assim, íamos estabelecendo estratégias para minorar o problema. Eu pedia que eles falassem, que participassem dos debates. Eu era cativada pelas participações inteligentes. Alguns deles

ficaram gravados em minha memória pelo som das vozes, muitas vezes pelo que me diziam em nossos debates.

Numa das minhas turmas, na qual se reunira um grupo de alunos muito inteligentes e interessados, tomei uma medida radical. Já que não podia ver os seus rostos, queria que cada um me fizesse um diário de campo. Podiam falar das aulas, ou de si próprios. Era como se cada um me entregasse uma fotografia íntima de si mesmo. A empreitada foi dura. No fim do semestre, eu estava com quarenta cadernos, cheios de fotografias íntimas, que tive de pedir a minha irmã Cida, que, então atuava como minha secretária, para ler para mim.

Em 1997, comprei meu primeiro computador pessoal. Iniciava-se, no Brasil, o uso de computadores pessoais por pessoas cegas através do sistema operacional DOSVOX, desenvolvido na UFRJ. Aplicativos e um leitor de voz sintética permitiam que pudéssemos operar um computador, ainda em sistema DOS.

Minha prática docente deu um salto. Eu, agora, podia escanear meus livros, assim como podia elaborar tarefas via computador e corrigir trabalhos daqueles que também usassem o equipamento. Segundo depoimento dos próprios alunos, eu era a primeira professora a adotar a tecnologia em sala de aula. Claro que eu não fazia isso por ser melhor que os outros. Eu fazia isso por pura necessidade.

O trabalho de orientação também me entusiasmava. Os orientandos chegaram logo no início da docência e não queriam apenas que assinássemos papéis. Muitos precisavam que lhes pegássemos pelas mãos para guiá-los na trajetória da construção do trabalho final. Foram muitos os trabalhos que me gratificam. Eu exigia, corrigia, exigia mais. Parece que ganhei a pecha de professora dura e exigente; entretanto, muitos alunos, com excelentes temas, ainda hoje me procuram para orientação.

A debulha desses primeiros anos não me vem de forma ordenada; entretanto, há, nessa debulha, um sentimento de entusiasmo que me levava à universidade, à sala de aula, à escuta do burburinho nas horas de intervalo, aos alunos que sempre ficavam na sala e me acompanhavam até a secretaria, e, enquanto durasse a curta caminhada, conversavam comigo sobre os seus projetos, sobre suas famílias, sobre um tema para o trabalho final.

Sim, eu amava os meus alunos, me interessava por suas vidas e, às vezes, me colocava tão próxima deles que receava estar subtraindo-me do meu lugar de docente, lugar que eu cavava com tanto empenho.

2.8 O projeto de doutorado

A partir de 1998, iniciou-se, no Departamento de Comunicação da UFPB, um projeto arrojado de capacitação docente. No ano seguinte, minha amiga Sandra Moura, que havia iniciado a docência comigo, recebeu aprovação de seu projeto de doutorado para o programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Sandra, por ocasião das férias de julho, começou a me incentivar para também entrar no programa. Devo a ela esse impulso inicial. Com seu entusiasmo, ela foi vencendo minhas resistências, e, ao final do ano, eu havia sido aprovada em todas as instâncias da UFPB e tinha uma carta de aceite do meu projeto do professor doutor José Amálio Pinheiro.

À época, eu estava interessada em investigar os bordões das narrativas jornalísticas que reforçam o estigma e o preconceito para com as pessoas com deficiência. Queria trabalhar com as tendências da análise do discurso, sobretudo a partir dos contributos da escola francesa.

A parte formal e burocrática do processo de aprovação para o doutorado e meu afastamento das atividades na UFPB foram fáceis. Difícil foi empreender os gestos necessários para me afastar de casa, das minhas filhas, da minha rotina. Mais difícil foi arquitetar o processo de me habitar a uma nova cidade, retomar os bancos universitários na condição de discente. De novo, o meu medo me empurrou para a frente e insuflou em mim a coragem de que eu precisava. À época, eu já estava separada há dois anos, mas pude contar integralmente com o apoio do meu ex-marido, que ficou cuidando das meninas, agora com 13 e 12 anos.

Viajei para São Paulo no dia 19 de fevereiro do ano 2000 e, no dia 21 daquele mês, iniciava meu curso de doutorado, tendo minha primeira aula na cadeira de Códigos Semióticos Verbais ministrada pelo meu orientador, professor Dr. José Amálio Pinheiro. Em pouco mais de dois meses, consegui alojamento definitivo: um quarto alugado em um apartamento na Avenida

Dr. Homem de Melo. A locatária era uma senhora viúva que alugava quarto para estudantes universitários. Era um quarto simples, mas confortável. Ali, eu podia estudar no meu velho computador, descansar a cabeça no meu velho travesseiro, que eu havia levado na bagagem, e cuidei de ter à mão uma cafeteira elétrica para o café de que eu sempre estava a precisar.

Por esse tempo, aprendi, no próprio corpo, sobre a capacidade do ser humano de se adaptar. Chegada a São Paulo, nos primeiros dias, ocupei o apartamento de Sandra Moura e Rinaldo, que estavam de férias em João Pessoa. Às vezes, postada defronte da janela da sala, escutando o zumbido do trânsito, eu pensava nos dias em que ainda estava em minha casa, pensava no que eu imaginara então, diante da própria janela do meu quarto, e me surpreendia por aquele tempo já haver passado; me surpreendia por estar ali, em pleno bairro de Perdizes, sozinha e atenta a tudo, como se todas as minhas antenas estivessem ligadas.

Revendo esse relato para o livro que, agora, encontra-se em mãos de leitores, quero registrar a memória do primeiro dia de aula na PUC. Abrir a porta do apartamento, descer até a portaria do prédio onde eu estava hospedada, enfrentar o rugido do trânsito de São Paulo, coreografar, nas calçadas de Perdizes, o caminho que eu havia gravado no meu próprio cérebro foi uma experiência fundamental, indescritível, emocionante, em todos os sentidos.

Era um modo, ao mesmo tempo arrojado e apavorado, de cavar minha autonomia, minha luta por provar que eu podia, que eu era capaz. Minha bengala antecipava-me os portões abertos, as velhas árvores cobertas dos resíduos de poluição, os desníveis das calçadas, as íngremes ladeiras de Perdizes.

Cheguei ao prédio da Comunicação e constatei, feliz, que era um prédio pequeno, vertical e logo senti o cheirinho de café, o tilintar de xícaras, e aquela sonoridade me disse que, logo no térreo, havia uma cantina, que era o lugar para onde eu iria primeiro em todos aqueles meses de doutoramento.

Eu me adaptei. Eu, muitas vezes, abstraí-me das preocupações com as meninas e vivi plenamente aquele ano em que eu era estudante da PUC, aprendendo, fazendo novas amizades, caminhando pelas ruas calmas de Perdizes, desbravando as calçadas com portões de garagens abertos e árvores retorcidas a meio do passeio.

Sozinha em São Paulo, alguma força me impelia sempre para a frente. Ia para a PUC sozinha e, nos dias de folga, ia visitar minha amiga Edith Suli, que mora em Pinheiros. Naquele ano, cuidei de mim intelectual e fisicamente. Era como se houvesse se criado uma ilha para mim, onde eu vivia suspensa das coisas da minha casa, da responsabilidade com minhas filhas. Mas havia também solidão e angústia. Sobretudo nos fins de semana, quando eu parava e, então, sentia todo o peso da distância das minhas filhas. Eu tentava afugentar a saudade com telefonemas, mas o efeito era quase placebo.

A estruturação do meu projeto sobre os estigmas do discurso jornalístico não avançou naqueles primeiros meses de doutoramento. Busquei arquivos pessoais com matérias jornalísticas, mas não fui bem-sucedida. No segundo semestre, cursando a disciplina de Semiótica da Cultura, com a professora Irene Machado, conversamos sobre uma possível mudança de tema. Foi quando ela me provocou para realizar uma análise semiótica do sistema braille. Argumentou que a PUC já tinha um trabalho de doutorado com a Língua Brasileira de Sinais e que eu daria um grande contributo trazendo o braille para uma investigação semiótico-comunicativa.

Recuperei o entusiasmo. Reelaborei um plano de pesquisa, que foi aprovado por meu orientador, o professor Amálio Pinheiro. O braille que eu amava, o braille que me guiara por todo aquele tempo pelo mundo da literatura, da cultura intelectual; o braille da minha vida seria o meu objeto de pesquisa.

Naquele primeiro ano de doutoramento, eu aprendi muito. Aprendi pelos poros, pelo olfato, pelo ouvido a reconhecer o frenesi da cidade de São Paulo, o seu cheiro de gás, o reboar dos trovões no meio da tarde, nas aulas mágicas do professor Jorge Albuquerque Vieira ou nas aulas da professora Helena Katz.

Aprendi sobre a dureza das árvores, agredidas pela força da urbanização; aprendi sobre a doçura do cheiro de flores brotando nos muros de casas e sobre pássaros dando a notícia do principiar das manhãs, no bairro de Perdizes. À noite, rumava para o restaurante Cristal e, sozinha, maravilhada com minha solidão, degustava três *chopps* regados a salada verde e frango grelhado.

Encontrava meus amigos de João Pessoa que estavam no doutorado para almoçarmos juntos ou irmos comer panquecas em casas de lanches deliciosas. E viajava para Andradas, onde o querido companheiro Gesuel Tonon me acolhia, hospedando meu cansaço, minhas angústias e muitas horas de brincadeiras e debates sobre meu trabalho.

Aprendia com as disciplinas. Sobre ciências cognitivas, sobre concepções da física, sobre poética, literatura e semiótica. Embrenhava-me em leituras teóricas, em busca de pontos de apoio para os meus propósitos de pesquisa sobre o braille.

Somente ao final do ano, retornei a casa. Quando o comandante do meu voo anunciou o pouso no aeroporto de João Pessoa, grossas lágrimas escaparam dos meus olhos. Eram lágrimas de alegria, de surpresa por ter estado por tanto tempo longe da minha cidade, das minhas meninas.

Elas estavam no aeroporto com meu ex-marido. E, surpreendida, compreendi que haviam se transformado em dois seres belíssimos e completamente estranhos para mim. Os primeiros dias na casa foram de reconquista. Foram dias para explorar a pele do meu amor por elas, do compartilhar físico de que havíamos sido subtraídas por um ano. Foram dias para dizer a casa que eu estava de volta. Foram dias para me desapropriar do frenesi de São Paulo e construir, em meu próprio lar, a trilha por onde eu faria minha investigação semiótico-comunicativa sobre o braille.

Conforme apresentei na introdução do meu trabalho de doutorado, sob o título *Aspectos Comunicativos da Percepção Tátil: A Escrita em Relevô como Mecanismo Semiótico da Cultura*, o objetivo central da tese foi o de recuperar na análise semiótica a história sígnica do sistema Braille, método de leitura e escrita criado na terceira década do século XIX, o qual permitiu que a coletividade cega pudesse ter acesso à cultura alfabetizada. Realmente, conforme descrito na introdução do trabalho, a conquista da escritura, com o advento do Braille, permitindo aos grupos cingidos pela condição da cegueira habitarem o mundo das culturas alfabéticas, promoveu um impacto significativo nas formas como esses indivíduos organizam sua visão particular do mundo (mundividência tátil), assim como propiciou todo um campo de abordagens inéditas, circunscritas ao debate teórico da Comunicação, da Semiótica Aplicada e das Ciências Cognitivas.

Indagar sobre as repercussões de tal impacto, apreciando sobretudo as qualidades semióticas desse código de leitura e escrita, é a problemática central da nossa investigação. No entanto, tal abordagem se constrói num período histórico singular: estamos inaugurando os primeiros anos do terceiro milênio. No âmbito de uma cultura tifológica, é possível que estejamos inaugurando também uma nova viragem, se quisermos um ponto de transição, no qual as tecnologias informáticas, pouco a pouco, afirmam-se como matrizes privilegiadas para o acesso à informação por parte dos indivíduos cegos.

De modo sutil ou mesmo de modo perceptível, mudanças significativas vêm ocorrendo nas formas como os indivíduos cegos apropriam-se dos bens culturais, constroem conhecimento, relacionam-se com a experiência de estar/perceber/apreender o mundo à sua volta. A tecnologia impõe-se, portanto, como um lugar privilegiado, de modo que essa realidade deixa reverberar, no âmbito do debate reflexivo, um ponto de tensão entre uma cultura assentada na escrita em relevo e a nova onda tecnológica, a qual parece retomar a forma primeira de comunicação desses indivíduos, ou seja, a comunicação eminentemente oral que predominou, por centenas de milhares de anos, como a matriz por excelência para a sua intervenção na cultura.

De um modo geral, diríamos que o trabalho se acha marcado por duas tendências básicas: uma eminentemente histórica, dada a especificidade da temática; outra teórico-exploratória, evidenciada, sobretudo, nos capítulos semióticos. Ao caracterizarmos a escrita em relevo como objeto semiótico, fundávamos um lugar para a análise dessa temática específica dentro dessa importante corrente de pensamento. O trajeto percorrido ao longo do trabalho inaugurou o capítulo semiótico sobre escrita em relevo e percepção tátil e apontou pistas para aprofundamentos analíticos, ao mesmo tempo que interconectou relevantes campos de dialogicidade, unindo a temática Braille à problemática da cognição humana e ao próprio campo da comunicação e da cultura.

Em sua estrutura, o estudo aponta quatro eixos básicos de análise:

A abordagem histórica, desenvolvida no primeiro capítulo do trabalho, na qual faremos uma panorâmica contextual do surgimento do código, estabelecendo a estrita filiação da escrita pantográfica à história

da escritura, assim como restabeleceremos os laços existentes entre o código de Braille e o campo da comunicação propriamente dito, naqueles aspectos voltados à história dos meios de transporte e de registro da informação em seus mais variados níveis.

A abordagem semiótica, realizada no segundo e terceiro capítulos, permite a análise do código Braille do ponto de vista dos contributos teóricos da semiótica periciada e de algumas das concepções da semiótica da cultura, aptas a evidenciar a intersemiose existente entre essa escrita e a escrita convencional. Caracteriza o código Braille como sistema de tradução intersemiótica, propiciando o acesso desses indivíduos a outros sistemas de modelização secundária, a exemplo da arte e, mais particularmente, da literatura.

A abordagem neurocognitiva e cultural, explorada no quarto capítulo, investiga a qualidade da percepção tátil, descontaminando uma série de visões pré-concebidas instituídas tanto na cultura de senso comum quanto no âmago do debate filosófico-científico. Comenta uma tendência contemporânea que aparece em algumas das produções científicas sobre a cegueira, as quais tentam minimizar os efeitos dessa condição sensorial, não reconhecendo a diferença que preside o ser/perceber/estar desses indivíduos no mundo. Retoma o surgimento do Braille como uma estratégia que refinou e qualificou esse modo de percepção, dando maior relevo ao que estamos chamando de mundividência tátil ou munditactência.

No quinto capítulo, uma última abordagem nos permite retomar o debate a respeito do tema sob um ângulo novo, avaliando o código Braille no contexto atual e pontuando, mesmo que de modo sucinto, o diálogo desse sistema com as tecnologias de produção e distribuição do texto. De que maneira as novas tecnologias podem representar um estado de transição da utilização do código Braille como um meio natural de leitura e escrita das pessoas cegas? De que modo se pode pensar a questão da longevidade do código Braille como um código apto a atender às necessidades das pessoas cegas, no que toca aos processos de codificação e decodificação dos outros códigos da cultura?

A defesa do trabalho ocorreu na manhã do dia 5 de maio de 2004. Recordo-me de adentrar a salinha das defesas da PUC, munida com dois grandes volumes impressos em braile, resultado das 176 páginas do trabalho impres-

so em tinta, além dos meus apetrechos manuais para anotações que faria durante a arguição. Assistia-me, além da banca examinadora, uma pequena plateia, constituída por amigos cegos e pelo meu irmão Belarmino Mariano Neto, que, à época, fazia seu doutorado sanduíche na Unicamp.

A defesa foi tranquila. Expus os aspectos principais do trabalho, os achados científicos, as pistas para pesquisas futuras. O processo de arguição foi longo, e, ao final, foi atribuída nota dez ao trabalho. Retornei à minha universidade com a certeza de que a formação me habilitara para um novo patamar na docência, permitindo-me ampliar os processos de pesquisa, extensão e, principalmente, o intercâmbio com projetos e produções intelectuais em outras universidades.

De fato, o trabalho foi aos poucos ganhando repercussão em outras pesquisas nacionais. A tese de doutorado rendeu profícua interlocução com o grupo de pesquisas Invenção e Cotidiano, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a liderança das professoras Virgínia Kastrup e Márcia Moraes, esta da Universidade Federal Fluminense.

Fui convidada a participar de alguns eventos do grupo, assim como de bancas de defesa de mestrado e doutorado. Publicações importantes foram empreendidas, a exemplo de publicação na Revista Fractal e no livro *Histórias de Cegueira* e, em 2018, da organização e publicação em dossiê especial na revista do Conselho Federal de Psicologia. Igualmente, o trabalho tem se constituído em bibliografia de referência em trabalhos de mestrado e doutorado de diversas instituições do país.

Um destaque de relevância, por sua natureza internacional, foi a minha participação, em janeiro de 2009, no Congresso Internacional em Comemoração aos 200 anos de nascimento de Luís Braille, realizado na sede da Unesco, na cidade de Paris. Aquele congresso acolheu a minha comunicação, único trabalho brasileiro a ser apresentado, sobre o tema *O Sistema Braille e a Pesquisa Científica*, no qual tive oportunidade de explorar os achados da investigação reunidos, sobretudo, nos capítulos 2 e 5 da minha tese.

Em 2015, tendo concorrido a um edital da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFPB, através do Programa de Pós-graduação em Jornalismo, pude transformar minha tese em livro, publicado pela editora da UFPB, sob o

título, *O que vê a cegueira: o relevo Braille e sua natureza semiótica*. A obra pertence ao catálogo da editora, nos formatos de livro físico e *ebook*.

2.9 O retorno a casa: o amor pela docência

Ao retornar, vivemos um período de greve em que as instituições de ensino superior do país estavam lutando pela recomposição das perdas salariais e em defesa da universidade pública e gratuita. Ao retomarmos o semestre, senti-me um tanto destreinada da sala de aula. Naquele fim de semestre, não me avaliei bem. Segundo meus critérios, eu não estava em forma. Sim, eu sempre digo: sou a maior crítica de mim mesma. Os semestres posteriores foram me permitindo novamente assumir o meu lugar de docente. Agora, gradualmente, eu punha em prática o germe de uma premissa que vinha me acompanhando: conhecimento é processo, é colaboração, é crença na potência individual e coletiva dos alunos.

Para além da sala de aula, a universidade me convocava para outros projetos. O tema da acessibilidade carecia de pesquisas sistemáticas, e, como frequentemente era convidada a avaliar trabalhos nesse campo, iniciei também estudos e pesquisas na área. Em 2007, convocada pela Pró-reitoria de Planejamento, integrei uma equipe de trabalho e construímos o projeto “Incluir” a fim de captar recursos do Ministério da Educação e implementar uma política de acessibilidade na UFPB.

O projeto foi aprovado, alcançamos o valor de R\$ 99 mil para as rubricas de compra de equipamentos e de formação da comunidade universitária. Em 2009, já havíamos executado quase toda a dotação do projeto em compra de impressoras braille, scanners, *softwares* e impressoras à tinta. Realizamos, ao final daquele ano, o Seminário sobre Acessibilidade na UFPB, com ampla participação de estudantes de Jornalismo, Educação e docentes das duas áreas.

2.10 Experiências de gestão

Igualmente naquele ano, assumi a vice-chefia do Departamento de Comunicação, conjuntamente com o professor Pedro Nunes. Já no processo pré-eleitoral, impulsionamos vigoroso debate de campanha, visto que a chefia era disputada por nossa chapa e outra, congregada por um grupo

de professores oponentes das nossas propostas de gestão. Vitoriosos, trabalhamos pela recuperação da memória do departamento, organizamos assembleias com a comunidade do departamento, visando à reformulação do projeto pedagógico do curso, organizamos a gestão dos laboratórios e, dentre as inúmeras ações empreendidas, fortalecemos ações sobre acessibilidade e inclusão dentro do departamento.

Encerrado o mandato de chefia, ingressei, ao lado do professor Dinarte Varela, na vice-chefia da coordenação do curso, fazendo maior acompanhamento das necessidades dos alunos, dialogando com eles, compartilhando com o professor algum conhecimento acerca dos trâmites burocráticos da gestão.

À época, estávamos em pleno debate acerca da criação do curso de Jornalismo e a autonomização da área, com a criação de um departamento específico, em sintonia com as Novas Diretrizes para o Ensino do Jornalismo, já em vigor. A aprovação do curso de Jornalismo em todas as instâncias da UFPB deu-se em 2012 e, a partir dessa autonomia, demos início às discussões, para apresentação junto à Capes, sobre uma proposta de criação de um programa de pós-graduação em Jornalismo em nível de mestrado profissional.

2.11 O mestrado profissional: mais uma experiência de gestão

Em outubro de 2012, recebíamos, da Capes, ofício dando conta da aprovação da nossa proposta de criação do Mestrado Profissional em Jornalismo, a qual, a convite do diretor do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), professor David Campos Fernandes, havia sido assinada por mim como coordenadora da proposta, através de portaria pro tempore.

A proposta foi viabilizada pelo trabalho incansável de uma equipe de professores constituída pelos membros: Antônio Fausto Neto, como consultor *ad hoc*, e os professores do departamento Annelina Trigueiro, Carlos Azevedo, Cláudio Cardoso de Paiva, David Campos Fernandes, Dinarte Varela, Joana Belarmino, Sandra Regina Moura, Virgínia Sá Barreto, contando também com a colaboração do professor de Turismo André Piva de Carvalho. Com a área de concentração Produção Jornalística e a linha de pesquisa Práticas, Processos e Produtos, o mestrado constituía-se

como o primeiro na modalidade de mestrado profissional na área do Jornalismo, no país e na região Nordeste.

Em 2013, o programa iniciava seu primeiro semestre, sob minha gestão como coordenadora, por dois anos consecutivos, conforme a portaria de nomeação. Como vice-coordenador, assumiu comigo o professor Carlos Azevedo, que, no meio da gestão, solicitou dispensa do cargo; esse, então, passou a ser ocupado pelo professor Pedro Nunes Filho. Foi um desafio e oportunidade para novos aprendizados. Era preciso consolidar toda a documentação de funcionamento do programa, organizar a gestão dos alunos e dos docentes, participar de atividades públicas no estado e no país.

Em missão conjunta com os professores David Campos Fernandes e Pedro Nunes Filho, visitamos o Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE para estabelecermos parcerias. Participamos de eventos do programa e promovemos outros, contando com a participação de docentes da UFPE. Dessa parceria, contamos, ainda hoje, com a profícua colaboração do professor Alfredo Vizeu, que integra o quadro de docentes do PPJ.

Da nossa gestão, destacamos ações como: promoção de aula inaugural, em abril de 2013, com o premiado jornalista Geneton Moraes Neto, que nos deixaria três anos depois (sua entrevista repercutiu amplamente em publicações e memórias do PPJ); realização do I Colóquio Internacional: Jornalismo, Conhecimento e Desenvolvimento, em 2014, com a participação do eminente teórico da Comunicação e do Jornalismo da Universidade Nova de Lisboa, professor Adriano Duarte Rodrigues; implementação do periódico âncora Revista Latino-americana de Jornalismo, também em 2014; participação, como conferencista, no 11º Seminário Nacional da Associação Brasileira de Jornalismo, em novembro de 2013; e I Seminário Nacional em Jornalismo Multiplataforma, realizado em 2015.

O programa consolidou-se como referência para a pós-graduação brasileira na área do Jornalismo, dando início à rede colaborativa que hoje ganha maior impulso na gestão integrada pela professora Zulmira Nóbrega, como coordenadora, e da minha participação, à época, como vice-coordenadora. Já contamos com mais de noventa trabalhos concluídos, e, conforme pode ser ilustrado no apêndice correspondente, diversos desses trabalhos contaram com minha orientação formal, consolidando-se, assim, o Grupo de Pesquisas em Jornalismo, Mídia, Acessibilidade e Cidadania (GJAC).

Ingressar na pós-graduação deu novo impulso à minha carreira docente. Fortaleceram-se, sobremaneira, os vínculos com a pesquisa mais sistemática, assim como ampliaram-se as publicações na área do Jornalismo com interesses para as teorias do campo e, naquela vertente mais consolidada, as publicações sobre jornalismo e acessibilidade.

Ampliaram-se, ainda, convites para coordenar ou atuar em projetos interdisciplinares, a exemplo do projeto “Ciência Aberta”, da TV UFPB, por mim coordenado. Também prestei consultoria ao projeto do Laboratório de Vídeo Digital (Lavid) e a conteúdos de interatividade para o jornalismo da TV pública/UFPB.

Ressalto, ainda, o convite recebido para integrar a comissão de avaliação da quadrienal da Capes, realizada em 2017, quando tive a oportunidade de avaliar os mestrados profissionais do país nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas e Ciências da Informação, conjuntamente com mais dois docentes do sul do país. Foi uma experiência de crescimento pessoal e profissional importante e que, provavelmente, me encaminhou, em 2020, para integrar a Comissão Interna de Avaliação da Pós-graduação na UFPB, a convite da Pró-reitora de Pesquisa.

2.12 O Grupo de Pesquisas em Jornalismo, Mídia, Acessibilidade e Cidadania

A criação do mestrado impulsionou outro aspecto imprescindível da minha carreira docente, ou seja, a consolidação dos processos de pesquisa os quais realizavam-se antes principalmente a partir das atividades de orientação na graduação, ficando, assim, ao sabor dos projetos de conclusão de curso dos discentes.

O eixo central dessa nova fase de uma pesquisa mais sistemática e consolidada foi o tema da acessibilidade ao jornalismo. Para agrupar as investigações do tema, criei, em 2014, o Grupo de Pesquisas em Jornalismo Mídia Acessibilidade e Cidadania (GJAC), certificado no CNPQ, do qual sou pesquisadora-líder ao lado do professor Pedro Nunes filho e de estudantes da graduação e da pós-graduação em Jornalismo.

Os resultados do grupo, de acordo com levantamento realizado em julho de 2021, envolvem dados significativos: sete investigações no âmbito do

mestrado, sendo seis concluídas e uma em andamento; três trabalhos de graduação concluídos; um projeto de extensão aprovado em 2021, sob o título “Monitoramento da qualidade da acessibilidade nos portais de notícias locais”, pesquisa que também se vincula ao Observatório Paraibano de Jornalismo, criado pelo PPJ, em 2020, e do qual fazemos parte. Para além do tema da acessibilidade, o GJAC acolheu ainda trabalhos com temas ligados à cidadania, como jornalismo e infância e jornalismo comunitário.

As atividades do GJAC ensejaram ainda participação em eventos nacionais de jornalismo e comunicação e formações para a acessibilidade, a exemplo da oficina de comunicação e acessibilidade, realizada no Intercom 2015, e o curso de iniciação em acessibilidade ao jornalismo, realizado dentro do período suplementar 2020 da UFPB, com a participação de mais de quarenta discentes do curso de Jornalismo.

A pesquisa originou ainda algumas publicações de relevância, contribuindo para a ampliação do acervo bibliográfico sobre o tema da acessibilidade ao jornalismo e à comunicação no Brasil, as quais estão distribuídas em periódicos científicos e em livros, conforme um breve apanhado em apêndice correspondente.

Enquanto escrevo este memorial, a pesquisa ganha novo impulso a partir do projeto de extensão “Monitoramento da qualidade da acessibilidade em portais de notícias paraibanos”, aprovado pelo edital Proex 2021. O projeto faz parte de outra iniciativa do PPJ, o Observatório Paraibano de Jornalismo, criado em 2020, e que tem, entre seus objetivos, o monitoramento da qualidade da acessibilidade aos conteúdos jornalísticos da imprensa paraibana.

2.13 Minhas publicações

Ao longo da carreira, venho produzindo e publicando produções bibliográficas, técnicas e artísticas. As produções bibliográficas podem ser agrupadas em quatro eixos: teorias do jornalismo e da comunicação; estudos sobre acessibilidade à comunicação e ao jornalismo. Outras que fazem intersecção entre o campo da educação, tecnologias e comunicação. Outras ainda associando literatura e cegueira.

As produções técnicas envolvem meu trabalho como colunista no jornal A União (2014/2019), assim como os dossiês organizados na revista Âncora, do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, entre os anos de 2017/2019. As produções artísticas são ligadas à literatura, com trabalhos em literatura infantil e adulta, sobretudo produção de contos.

2.14 Orientações e bancas de defesa

As minhas experiências com orientação de discentes iniciaram-se imediatamente na ocupação do cargo na UFPB, em 1994. Acompanhar o trabalho final constituiu-se em mais um espaço de desafios, aprendizados e alegrias íntimas. Não poderei, nos limites deste trabalho, expor as múltiplas sensações de satisfação, as angústias e o sentimento de dever cumprido que, muitas vezes, fizeram parte do caudal das emoções vividas.

A minha vinculação ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo, a partir de 2013, ampliou sobremaneira o universo das orientações acadêmicas, assim como a oportunidade para participação em bancas de defesa em nível de mestrado e doutorado, em programas de diversas instituições do país. Mais uma vez, verificou-se a intersecção entre os campos do jornalismo, da educação, da psicologia e, algumas vezes, os campos da acessibilidade e ciências da informação, assim como os campos da arte e da literatura.

2.15 Minha colaboração em conselhos científicos de periódicos nacionais

A avaliação de artigos científicos em periódicos nacionais situa-se, no meu entender, entre as tarefas mais saborosas da docência universitária. Conhecer o pensamento de autores, suas compilações e pesquisas engrandece o nosso próprio fazer acadêmico, o nosso próprio diálogo com o conhecimento científico e suas atualizações. Tenho desempenhado essa tarefa com prazer inusitado, sendo parecerista *ad hoc* de revistas como Pauta Geral, do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Estadual do Mato Grosso, UEPG; Revista de Educação Especial, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/RS; e como membro do conselho científico da revista Âncora, do PPJUFPPB, e Revista do Instituto Benjamin Constant (IBC/RJ).

No tempo em que produzia o memorial, estava a braços, como editora convidada, de dossiê sobre acessibilidade na revista *Culturas Midiáticas*, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPB. Observo, na profusão dos artigos apresentados, como o tema da acessibilidade está deixando de ser esotérico dentro da academia para se tornar questão de interesse em diversas instituições e trabalhos variados.

Igualmente, quero ainda referir meu trabalho de parecerista *ad hoc* como avaliadora de projetos de pesquisa tanto internamente, na UFPB, quanto na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, onde, anualmente, desde o ano de 2017, tenho atuado como parecerista em projetos de pesquisa de iniciação científica. Sinto que esse tipo de atuação fortalece os vínculos entre instituições e pesquisadores, propiciando, ainda que de maneira restrita, uma espécie de diálogo colaborativo entre as universidades.

Em verdade, mesmo aposentada, não abandonei as lidas acadêmicas. Recebo convites para inúmeras bancas de mestrado e doutorado país afora, convites para publicações em revistas científicas, assim como avaliação de projetos de pesquisa na Fundação de Pesquisa do Estado da Paraíba.

Sou professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, participando de muitas outras atividades em minha instituição e fora dela.

Parte III

Um apanhado improvisado sobre arte

3.1 Meu canto nunca estive na floresta

Acho que estávamos em novembro de 2017, não me recordo bem. Vários professores do Departamento de Jornalismo participavam do Congresso Internacional de Semiótica e Comunicação, promovido pelo Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco). À noite, após um dia intenso de conferências, rumamos para a nossa bucólica pousada, na praia de Japaratinga, sede do congresso. Tomamos nossa sopa deliciosa, e, entre goles de café, na mesa posta numa espécie de varanda, demos trato àquela conversa boa e descontraída.

Começamos a falar de música e a cantar. E, então, eu comecei a desfiar para os colegas uma velha fantasia que vivia comigo. Vocês sabem, um dia, eu gostaria de estar sozinha, numa floresta, para cantar. Sozinha, palmilhando a terra, encontrando os obstáculos, caindo, me levantando, cantando. Experimentando cantar em cima de uma pedra, perto de um rio, de pé, em algum lugar desconhecido dessa floresta; mas, nessa floresta, todos os lugares seriam desconhecidos.

Talvez essa minha fantasia seja muito mais profunda do que simplesmente ir a uma floresta desconhecida para experimentar minha musicalidade. Talvez ela traga signos e um outro e mesmo enfrentamento. O enfrentamento de limites, de desafios; o enfrentamento de produzir conhecimento em cenários em que há zonas de sombra e de entendimento, zonas de afeto ou de completa ausência de interesse. Talvez.

Não, meu canto nunca esteve na floresta. Vivo com a música desde criança. Inventava canções sem sentido aos nove anos, ao mesmo tempo que escrevia minhas primeiras histórias. Entre os anos 80 e 90, participei de festivais e fui bem-sucedida como intérprete: festivais do Sesc, festivais da UFPB, Festival do Liceu, o primeiro da minha história musical. Essas premiações levaram-me a participar do Projeto Araponga, no governo Wilson Braga, anos 80, e, do projeto Cantoras do Povo, idealizado pelo músico e compositor Pedro Osmar.

Dividia meu canto com a docência universitária e, a partir do ano 2000, com as exigências do doutoramento, fui me afastando gradativamente de uma perspectiva de dedicação à música. O trabalho universitário me levou a literalmente parar de cantar.

Não que eu quisesse ter uma carreira musical. O canto, para mim, funcionava como o lugar do prazer descompromissado, da alegria sem maiores amarras. E veio a pandemia, e veio a partida do meu irmão, e veio a dureza do isolamento, e, de repente, como que se abriu uma porta e voltei a cantar.

Canto no sofá da sala, depois de uma aula à distância, quando meu corpo todo freme pela energia do encontro com o conhecimento, a docência, ainda que por via de um aplicativo. Gravo uma canção qualquer, sobretudo MPB, depois de haver ensaiado. E deixo que a música me lave por dentro e por fora e reencontro minha satisfação íntima de cantar por cantar, sem exigências, sem compromissos, sem amarras.

Leitores deste memorial podem se perguntar por que falo aqui desse meu canto. Eu também fiquei em dúvida sobre isso. Quase suprimi esse tópico do corpo do texto. Mas, por fim, decidi deixá-lo aqui, como uma espécie de retrato outro de uma docente identificada por uma matrícula Siape, uma lotação no departamento de Jornalismo, uma filiação a uma área de conhecimento. Uma docente universitária que, às vezes, canta para celebrar

a alegria íntima de estar com seus alunos; outras vezes, canta para pedir socorro e livrar-se da tristeza que os dias de hoje nos têm imposto.

3.2 Literatura, minha literatura!

Penso que todos nós somos narradores do mundo que nos rodeia. Mais que isso, impelidos por nossa curiosidade, somos entrevistadores do espanto e do mistério. E, da minha parte, comecei muito cedo a percutir o mundo com minhas perguntas. Aos quatro anos, eu já tinha inventado minha própria teoria para as coisas que não podia explicar nem tocar: o vento, o sol, a chuva e o céu. A minha teoria de menina de quatro anos inventou um céu com gavetas: gavetas de chuva, de sol e de vento; gavetas para guardar nuvens.

Para se chegar a esse céu, eu precisava subir uma montanha. Na minha imaginação, eu até podia sentir as plantinhas tenras no sopé da montanha rugosa. Cheguei a narrar essa experiência em 2017, em um TEDx realizado em João Pessoa.⁴ Parece, pois, que a literatura sempre esteve comigo, fosse na forma de me abstrair, fosse nessa minha curiosidade por saber da matéria das pedras, da terra, do vento e da chuva.

Com o aprendizado do braile, instaurou-se em mim a leitora e, em pouco tempo, a narradora. Conforme citei na primeira parte deste memorial, aos nove anos, eu já escrevia minhas primeiras estórias. Publiquei meu primeiro livro infantil, *O Patinho Criança*, ainda quando cursava Jornalismo, em 1979, numa produção feita pela gráfica Santa Marta. Em 1983, já como repórter de O Norte, publicava meu segundo livro infanto-juvenil, *Dartanham, Um Gato com Gosto de Pinto*, agora numa editora comercial, a Editora Moderna de São Paulo. Notem que o nome do personagem principal tem uma grafia adulterada. Dartanham era um gato da minha infância, na nossa casa, e a estória mistura cenários reais com as fantasias da minha imaginação.

4 (Início da nota de rodapé). O vídeo pode ser acessado por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=PhCAMgtBb80>. (Fim da nota de rodapé).

3.2.1. Meu jornalismo literário

E veio a adolescência e a certeza de que eu queria ser jornalista. E veio o curso, e minha literatura sempre estava ali, nos trabalhos da faculdade, na experiência de *freelancer* ainda como estudante, no semanário O Momento, do meu professor Jório Machado.

E o meu interesse e entusiasmo por orientar os TCCs dos alunos que enveredavam pela produção de reportagens, a exemplo dos trabalhos da então orientanda Rachel Sherazade, tratando de adoções por estrangeiros de crianças brasileiras, e a bela grande reportagem sobre o teatro paraibano da estudante Eliane Silva.

A docência sempre me colocou próxima do trabalho e da experimentação da escrita jornalística. Com o surgimento das redes sociais, e mais particularmente com minha paixão pelo *Twitter*, inventei um modo de entrevistar e de narrar bem diverso daquele que fazemos usualmente no jornalismo.

Desse meu entusiasmo pelo *Twitter*, nasceu o meu projeto improvisado que chamei de Microentrevistas. Depois, pesquisando no *Google*, descobri que um jornalista argentino também fazia esse tipo de experimento.

O projeto consistia no seguinte: eu escolhia um personagem, de preferência ligado às artes e à literatura, fazia a entrevista com ele, no perfil do *Twitter*, em 140 caracteres, e as respostas também eram dadas em 140 caracteres. A entrevista se fazia em tempo real, com audiência que interagia, e, posteriormente, era publicada no jornal A União, com um desenho do entrevistado feito a bico de pena. O resultado era surpreendente. O texto final tinha, ao mesmo tempo, fluidez e densidade. A título ilustrativo, apresento, ao final desse tópico, a microentrevista feita com Roberto Menezes, escritor paraibano com diversas obras já publicadas.

Figura 1 — Microentrevista: Escritor Roberto Menezes em 140 caracteres

[EXCLUSIVO] — **Entrevista**

João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 19 de dezembro de 2012 **A UNIÃO 3**

Roberto Menezes
 Físico e escritor

Roberto Menezes: “Cachorro Doido” e outras Fragrâncias

João Belarmino
autor da série

Uma narrativa ao mesmo tempo feroz, doce, calma, difícil, assustadora, como é isso de escrever assim? Títulos por si só espetaculares, como “Palavras que Devoram Lágrimas”, que lança hoje. Estamos falando do escritor paraibano Roberto Menezes, nascido em 1978. Doutor em Física e professor da Universidade Federal da Paraíba. Faz parte do Clube do Conto da Paraíba e foi membro fundador do Núcleo Literário Caixa Baixa. Tem três livros publicados (Pirlampos Cegos, romance), o Gosto Amargo de Qualquer Coisa (romance) e Despoemas (contos). Foi vencedor das duas edições do Edital Novos Escritos da Prefeitura Municipal de João Pessoa (2007 e 2008) e do Prêmio José Lins do Rêgo da Fundação Espaço Cultural - Funesc do Governo do Estado da Paraíba (2011). Tem contos publicados nas coletâneas Histórias de Sábado e Contos de Sábado, do Clube do Conto e Internautas, da Editora Melhoramentos. Escreve periodicamente em www.betomenezes.biz. É com ele a primeira microentrevista que apresentaremos aos leitores. Trata-se de um experimento jornalístico através do qual esperamos flagrar, na rapidez e instantaneidade dos 140 caracteres, fragmentos da cultura paraibana, abordando personalidades dos mais variados estratos sociais. Jornalismo e twitter. Esta combinação, nos dias que correm, aproxima de fenômenos convergente e produtiva, esses dois métodos de comunicação e informação. Roberto Menezes, que pode ser definido como uma “incubadora” de projetos, confirmam o que tweetamos com o escritor, sobre literatura, filosofia, fim do mundo, cachorro doido e outras fragrâncias, respirando na instantaneidade do twitter, a liberdade de dizer, no fluxo dos bits, do romance, da vida, dos silêncios, do vazio...

Risos. E como começou esse lance de escrever, dá pra fazer umas 3 tweetadas sobre as origens da sua escrita?

1) Conectei na adolescência, lendo de Stephen King, Jorge Amado, queria fazer igual.

2) Li os poemas de Drummond e pesou. E queria fazer igual.

3) Conectei a fazer, porém tive que fazer outras coisas, terminar o curso, nunca foquei. Só há 5 anos conectei pra valer.

E acha que já é o cara? Já consegue fazer igual aos ideólogos?

Esse cara não sou eu, risos. Ainda tenho muito a aprender com os mestres. Há muitos mestres a meu redor.

Cinco anos, baciladas de contos, não sei quantos blogs, quantos romances? Dá pra fazer um panorama?

O panorama? Vejo que fiz pouca coisa.

Por favor, a galeria dos romances com seus títulos.

Pirlampos Cegos (2007) e O Gosto Amargo de Qualquer Coisa (2010).

Mas tem um pronto pra soltar e outro no preto. Fale do próximo lançamento.

Palavras que devoram lágrimas

@joanabetermino Físico, escritor, quanto de literatura tem na sua física? ou essas coisas não se misturam?

@betomenezes Até a água e óleo se misturam. O que guia a natureza e a arte são as simetrias e as assimetrias. A estética, o conceito.

Isto está parecendo filosofia. Você acha que filosofia é uma espécie de arte?

Até não, pouco sei de filosofia. Talvez saiba na prática. Na verdade de perder a terra para me focar demais em teorias.

Então podemos dizer que óleo e água, que física e literatura, andam em duto na sua escrita?

Não, quase sempre não. A água e óleo só se encontram em um pequeno lugar. Noutros tantos, água é água, óleo é óleo.

Sua escrita é ao mesmo tempo feroz, doce, amarga, difícil, fácil, assustadora, calma, como é isso de escrever assim?

Não sei viu. Me sinto confortável desta maneira. Gosto do resultado do que escrevo. Foi uma busca pelo estilo que quis pra anos.

A impressão que dá é que sua escrita vai escando naturalmente, torneira aberta. Peio jelho não é bem assim. Você pensa muito?

Sim. Toda forma de arte é pensada. Não há isso de jogar a emoção. Até quem joga tinta na tela, pensa, sabe o que tá fazendo.

Complementando, você pensa muito antes de escrever, ou é mesmo torneira que flui? Desculpe, a torneira que flui não ficou nada literário.

Se tem literário é literário.

Risos. E como começou esse lance de escrever, dá pra fazer umas 3 tweetadas sobre as origens da sua escrita?

1) Conectei na adolescência, lendo de Stephen King, Jorge Amado, queria fazer igual.

2) Li os poemas de Drummond e pesou. E queria fazer igual.

3) Conectei a fazer, porém tive que fazer outras coisas, terminar o curso, nunca foquei. Só há 5 anos conectei pra valer.

E acha que já é o cara? Já consegue fazer igual aos ideólogos?

Esse cara não sou eu, risos. Ainda tenho muito a aprender com os mestres. Há muitos mestres a meu redor.

Cinco anos, baciladas de contos, não sei quantos blogs, quantos romances? Dá pra fazer um panorama?

O panorama? Vejo que fiz pouca coisa.

Por favor, a galeria dos romances com seus títulos.

Pirlampos Cegos (2007) e O Gosto Amargo de Qualquer Coisa (2010).

Mas tem um pronto pra soltar e outro no preto. Fale do próximo lançamento.

Palavras que devoram lágrimas

(ou a felicidade gângueira), sai hoje.

Um escritor jovem, dois romances publicados. Fale mais desse romance lançado hoje.

Só o título é um tweet: palavras que devoram lágrimas (ou a felicidade gângueira).

É verdade. O que o leitor vai encontrar aí? Sofrimento? humor? metafísica?

Conta a história de uma mulher que se vinga do ex-marido.

Vingança. O tema é quente. Vingança é um tema quente. Imagina falar também da política paraibana.

Verdade. Temos um cenário bem apropriado. Fiquemos nas Palavras que Devoram Lágrimas.

É uma história de trinta mil palavras e um parágrafo; não vai encontrar lá desespero e amor.

Que maravilha! Acabou o romance, e você, como FICOU? Ocho ou vazio de palavras?

Palavras sempre há. Porém, não as mesmas, outras palavras. Fica um vazio. É difícil abandonar um livro pronto.

Val deixá-lo com os leitores, suas trinta mil palavras, essa história de vingança... há algum conselho para eles?

Sou pessimista pra conselhos. Mas vai um: não tenha pressa ao ler um livro, leia pra completo, ler não é só comer papaias.

Títulos por si só são um espetáculo. Como escolhe seus títulos?

O título tem que falar pra si e representar o livro. E não ser banal pra que a gente ache fácil no google. Risar.

Crítica, membro do Clube do Conto da Paraíba. Essa experiência tem sido relevante?

Claro, o Clube do Conto é um laboratório. É onde eu escrevo minhas tentativas, meus erros e meus acertos.

O clube escolhe um tema para cada sábado. Sabeia dizer qual foi o tema que mais lhe instigou nesses anos de clube?

O Cachorro Doido, que gerou este conto: <http://www.betomenezes.biz/?p=894>

Eu gosto muito de outro conto seu, que fala de um louco, um presidiário louco, lembra? fale desse.

A Fragrância dos Loucos. Eu nunca publiquei ele. Vai ser publicado ano que vem. É minha homenagem ao livro Lolita.

A física lhe mandou pra Portugal. Lá você escreveu um conto muito louco. Sumiu tudo, apagão intermitente, lembra? fale desse.

O nome do conto (quem tá no ponta aqui, é sobre o fim do mundo, onde as pessoas vão desaparecendo. Uma crítica às redes sociais).

Tem um link pros nossos seguidores/leitores?

@betomenezeshttp://www.betomenezes.biz/?p=173 Mas eu vou reescrevê-lo. Um dia. Risar

Você está sempre nas redes sociais. Isso como atrapalha ou ajuda na sua escrita?

Posso dizer que é um mal necessário ou um bem fôlô. Só sei que faz quase dez anos que tou nessa e não sei viver mais sem.

Tá falando desse lance de fim do mundo. Cachorro fêlôlico. 3 dias de escrécido, você acha que isso é fábula?

Fabulações sobre o fim do mundo. Todo mundo adora!

Queris mais, me delizou com um gosto amargo de quase nada. O ser humano adora viver numa corria bamba. Viver a intuição de um fim. O apocalipse sempre seduziu.

Roberto Menezes relei poemas e escreve, que experiência é essa no seu livro “Despoemas”?

Um pouco de cada coisa está naquele livro, poemas enrustidos em contos.

Verdade. “Despoemas” é um exemplo da sua incubadora de projetos, que outros projetos você acalenta?

Estou agora tentando escrever romances mais longos. Tenho um pronto e outro pela metade. Veio ou outro escrevo um conto.

Um pronto? Como se chama? E o pela metade, já tem título?

O pronto se chama O Sarau. E o pela metade tem já, Mariaita.

Mariaita. Esta mulher também é vingativa ou não mesmo inventado supõe mais delicadeza?

É quem disse que é nome de mulher? Só se sabe o que é mariaita lá na metade do livro. Não vou estragar a surpresa.

Ah, sim, pode ser um pescador, ou um ser devorador de palavras. Vai ficar a curiosidade (risos).

Para encerrar, gostaria de um bate-rebate, do tipo rapidinhas, vamos?

Sim, vamos nessa!

Um bom escritor paraibano? Solha.

Sua ideia de futuro?

A mesma da de hoje. Um passo de cada vez.

Uma música inusitada? Qualquer uma às zes da manhã.

Seu melhor tweet?

Foram tantos, deixa eu ver: “Segunda-feira tem gosto de cabo de guarda-chuva”.

Sua definição de amor?

Não tenho, algum tem?

Seu maior pesadelo?

Acordar dentro de um buraco limitado e não ter como sair de lá. A vida é isso, não?

A perguntar, sua visão de mundo?

A mais simplista de todas, vamos vivendo e fazendo o justo.

Obrigado por inaugurar este projeto. Deixe um último tweet para nossos seguidores/leitores.

Vamos aproveitar o nosso tempo como o espaço de um tweet.

Fonte: A União, 19 dez. 2012.

Transcrição – entrevista com Roberto Menezes

Roberto Menezes: “Cachorro Doido” e outras Fragrâncias

Por Joana Belarmino (Especial para *A União*).

Uma narrativa ao mesmo tempo feroz, doce, calma, difícil, assustadora, como é isso de escrever assim? Títulos por si só espetaculares, como “Palavras que Devoram Lágrimas”, que lança hoje. Estamos falando do escritor paraibano Roberto Menezes, nascido em 1978. Doutor em Física e professor da Universidade Federal da Paraíba. Faz parte do Clube do Conto da Paraíba e foi membro fundador do Núcleo Literário Caixa Baixa. Tem três livros publicados: *Pirilampos Cegos* (romance), *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa* (romance) e *Despoemas* (contos). Foi vencedor das duas edições do Edital Novos Escritos da Prefeitura Municipal de João Pessoa (2007 e 2008) e do Prêmio José Lins do Rêgo da Fundação Espaço Cultural (Funesc) do Governo do Estado da Paraíba (2011). Tem contos publicados nas coletâneas *Histórias de Sábado* e *Contos de Sábado*, do Clube do Conto e *internautas*, da Editora Melhoramentos. Escreve periodicamente em www.betomenezes.biz. É com ele a primeira microentrevista que apresentaremos aos leitores. Trata-se de um experimento jornalístico através do qual esperamos flagrar, na rapidez e instantaneidade dos 140 caracteres, fragmentos da cultura paraibana, abordando personalidades dos mais variados estratos sociais.

Jornalismo e twitter: Esta combinação, nos dias que correm, aproxima, de maneira convergente e produtiva, esses dois fenômenos de comunicação e informação. Roberto Menezes, que pode ser definido como “incubadora” de projetos. Confirmam o que tweetamos com o escritor sobre literatura, filosofia, fim do mundo, cachorro doido e outras fragrâncias, respirando na instantaneidade do twitter, a liberdade de dizer, no fluxo dos bits, do romance, da vida, dos silêncios, do vazio...

@joanabelarmino: Físico, escritor, quanto de literatura tem nessa sua física? Ou essas coisas não se misturam.

@betomenezes: Até a água e o óleo se misturam. O que guia a natureza e a arte são as simetrias e as assimetrias. A estética, o conceito...

Isto está parecendo filosofia. Você acha que filosofia é uma espécie de arte?

Aí não, pouco sei de filosofia. Talvez saiba na prática. Na verdade de perder a ternura ao me focar demais em teorias.

Então podemos dizer que óleo e água, ops, física e literatura, andam em dueto na sua escrita?

Não, quase sempre não. A água e o óleo só se encontram em um pequeno lugar. Noutros tantos, água é água, óleo é óleo.

Sua escrita é, ao mesmo tempo, feroz, doce, amarga, difícil, fácil, assustadora, calmante, como é isso de escrever assim?

Não sei viu. Me sinto confortável desta maneira. Gosto do resultado do que escrevo. Foi uma busca pelo estilo que quis por anos.

A impressão que dá é que sua escrita vai escoando naturalmente, torneira aberta. Pelo jeito não é bem assim. Você pensa muito?

Sim. Toda forma de arte é pensada. Não há isso de jogar a emoção. Até quem joga tinta na tela pensa, sabe o que tá fazendo.

Complementando, você pensa muito antes de escrever ou é mesmo torneira que flui? Desculpe, a torneira que flui não ficou nada literário.

Se tem itinerário, é literário.

Risos. E como começou esse lance de escrever? Dá para fazer umas 3 tweetadas sobre as origens da sua escrita?

1) Comecei na adolescência, lendo Stephen King, Jorge Amado...queria fazer igual.

2) Li os poemas de Drummond e Pessoa. E queria fazer igual.

3) Comecei a fazer; porém, tive que fazer outras coisas, terminar o curso, nunca foquei. Só há 5 anos comecei para valer.

E acha que já é o cara? Já consegue fazer igual aos ídolos?

Esse cara não sou eu, risos. Ainda tenho muito a aprender com os mestres. Há muitos mestres ao meu redor.

Cinco anos, baciadas de contos, não sei quantos blogs, quantos romances. Dá para fazer um panorama?

O panorama? Vejo que fiz pouca coisa.

Por favor, a galeria dos romances, com seus títulos.

Pirilampos cegos (2007) e O Gosto Amargo de Qualquer Coisa (2010).

Mas tem um pronto para soltar. E outro no prelo. Fale do próximo lançamento.

Palavras que devoram lágrimas (ou a felicidade cangaceira), sai hoje.

Um escritor jovem, dois romances publicados. Fale mais desse romance lançado hoje.

Só o título é um tweet: palavras que devoram lágrimas (ou a felicidade cangaceira),

É verdade. O que o leitor vai encontrar aí? Sofrimento? Humor? Metafísica?

Conta a história de uma mulher que se vinga do ex-marido.

Vingança. O tema é quente.

Vingança é um tema quente, imagina falar também da política paraibana.

Verdade. Temos um cenário bem apropriado. Fiquem nas Palavras que Devoram Lágrimas.

É uma história de trinta mil palavras e um parágrafo; você vai encontrar lá desespero e rancor.

Que maravilha! Acabou o romance, e você, como ficou? Cheio ou vazio de palavras?

Palavras sempre há. Porém, não as mesmas, outras palavras. Fica um vazio. É difícil abandonar um livro pronto.

Vai deixá-lo com os leitores, suas trinta mil palavras, essa história de vingança...há algum conselho para eles?

Sou péssimo pra conselhos. Mas vai um: não tenha pressa ao ler um livro, leia por completo, ler não é só comer páginas.

Títulos por si só são um espetáculo. Como escolhe seus títulos?

O título tem que falar por si só e representar o livro. E não ser banal para que a gente ache fácil no Google. Rsr.

Contista, membro do Clube do Conto da Paraíba. Essa experiência tem sido relevante?

Claro, o Clube do Conto é um laboratório. É onde eu escrevo minhas tentativas, meus erros, meus acertos.

O clube escolhe um tema para cada sábado. Saber dizer o tema que mais lhe instigou nesses anos de clube?

O Cachorro Doido, que gerou este conto: <http://www.betomenezes.biz/?p=894>.

Eu gosto muito de outro conto seu, que fala de um louco, um presidiário louco, lembra? Fale desse.

A Fragrância dos Loucos. Eu nunca publiquei ele. Vai ser publicado ano que vem. É minha homenagem ao livro Lolita.

A física lhe mandou pra Portugal. Lá você escreveu um conto muito louco. Sumia tudo, apagão internético, lembra? Fale desse.

O nome do conto é Quem tá on posta aqui, é sobre o fim do mundo, onde as pessoas vão desaparecendo. Uma crítica às redes sociais.

Tem um link pros nossos seguidores/leitores?

<http://www.betomenezes.biz/?p=173>. Mas eu vou reescrevê-lo. Um dia. Rsr.

Você está sempre nas redes sociais. Essa conexão atrapalha ou ajuda na sua escrita?

Posso dizer que é um mal necessário ou um bem fútil. Só sei que faz quase dez anos que ‘tou nessa e não sei viver mais sem.

Tá. Falando desse lance de fim do mundo. Cinturão fotônico, 3 dias de escuridão, você acha que isso é fábula?

Fabulações sobre o fim do mundo. Todo mundo adora!

Queria mais. Me deixou com um gosto amargo de quase nada.

O ser humano adora viver numa corda bamba. Viver a iminência de um fim. O apocalipse sempre seduziu.

Roberto Menezes relê poemas e escreve. Que experiência é essa no seu livro “Despoemas”?

Um pouco de cada coisa está naquele livro, poemas enrustidos em contos.

Verdade. “Despoemas” é um exemplo da sua incubadora de projetos. Que outros projetos você acalenta?

Estou agora tentando escrever romances mais longos. Tenho um pronto e outro pela metade. Vez ou outra escrevo um conto.

Um pronto? Como se chama? E o pela metade já tem título?

O pronto se chama O Sarau. E o pela metade tem já. Marieira.

Marieira. Esta mulher também é vingativa ou sem nome inventado supõe mais delicadeza?

E quem disse que é nome de mulher? Só se sabe o que é marieira lá na metade do livro. Não vou estragar a surpresa.

Ah, sim. Pode ser um pescador ou um ser devorador de palavras.

Vai ficar a curiosidade (risos).

Para encerrar, gostaria de um bate-rebate, do tipo rapidinhas, vamos?

Sim, vamos nessa!

Um bom escritor paraibano?

Solha.

Sua ideia de futuro?

A mesma da de hoje: Um passo de cada vez.

Uma música insuportável?

Qualquer uma às seis da manhã.

Seu melhor tweet?

Foram tantos, deixa eu ver: “Segunda-feira tem gosto de cabo de guarda-chuva”.

Sua definição de amor?

Não tenho, alguém tem?

Seu maior pesadelo?

Acordar dentro de um buraco limitado e não ter como sair de lá. A vida é isso, não?

Ja perguntar, sua visão de mundo?

A mais simplista de todas, vamos vivendo e fazendo o justo.

Obrigada por inaugurar este projeto. Deixe um último tweet para nossos seguidores/leitores.

Vamos aproveitar o nosso tempo como o espaço de um tweet.

3.3 As microentrevistas e os microcontos

A experiência com os microcontos veio com a pandemia. Criei no perfil do meu *Facebook* o álbum #MicrocontosQuarentena, e ali escrevia pílulas de ironia, de tristeza ou de qualquer inspiração que me surgisse.

Recolho um extrato daquele período, publicado como um microconto no meu perfil do *Facebook*:

O Exílio dos Dias

01 de maio.

O pequeno segundo amanhecido, antes de partir da casa do tempo, indagou ao velho senhor: Onde foram parar os dias? O tempo coçou a cabeça e disse vagarosamente: Estão no exílio, à espera de que passe o fluxo das horas inúteis.

Ou esse extrato, que foi escrito após a Covid-19 levar meu irmão querido, José Belarmino de Sousa:

Lonjuras Existem?

Contemplo minha tela, minha sala, minha casa. Contemplo minha ideia de mundo lá fora. Tudo como num instantâneo. Lonjuras existem. Lonjuras são espaços de vazio e de silêncio. Lonjuras são braços estendidos, dedos esticados e nada para tocar. Lonjuras são pensamentos, como pedras atiradas a um lago profundo, sem qualquer ressoar. Hoje sinto como que uma bruma, densa, gelada, impedindo as lembranças, impedindo a memória do som da tua voz, impedindo um lugar perto, para a fala da gente. Lonjuras existem, mano. Lonjuras existem e são muito mais prováveis que as proximidades. #MicroContosDeQuarentena

Na verdade, eu já havia experimentado a experiência no que havíamos chamado, nós, do Clube do Conto da Paraíba, de nanorromances. Produzi um nanorromance intitulado *Tia Lila*, conforme referenciado no meu currículo lattes, que foi publicado nos formatos *ebook* e impresso pela Editora CRV, de Curitiba.

3.4 Minhas colunas de jornal e meu *blog*

De 2014 até setembro de 2019, atuei como colunista de opinião no Jornal A União. Foi uma experiência gratificante. Eu tinha que produzir artigos curtos, de, no mínimo, trinta linhas. Eram crônicas sobre temas variados. Política, crítica de mídia, impressões do cotidiano, questões sobre acessibilidade e muito mais. Essa minha atuação foi objeto de estudo da dissertação de mestrado de Maryellen Ingrid de Araújo Baldação, *A crônica feminina na imprensa paraibana: trajetórias, escritas de si e cotidiano*, defendida em 2019.

Fazer essa intersecção entre docência e prática jornalística foi gratificante. Recebi interações magníficas via e-mail de diversos leitores, que sempre me trouxeram muita satisfação íntima.

Também fui motivada a produzir um *blog*. Inicialmente, escrevi crônicas no www.barradosnobraille.zip.net, na plataforma UOL, a partir de 2006. Posteriormente, a experiência do *blog* migrou para o endereço web www.barradosnobraille.net, no qual atuo até hoje, ainda que com grandes intervalos entre uma crônica e outra. Igualmente, também publiquei por algum tempo, entre os idos de 2010 e 2013, no Portal Luís Nassif, experiência gratificante em que exercitei crítica de mídia e análises da política brasileira.

Posso dizer: o meu percurso profissional é, em certa medida, uma espécie de simbiose entre a literatura e o jornalismo. Uma espécie de produção que ora se submete à métrica e à técnica do fazer jornalístico, ora desvia-se para a indisciplina de uma ficção inverossímil, como no caso da escrita de *Tia Lila*, ou para a liberdade da escrita da crônica e do conto. Muitas vezes, essas duas vertentes misturam-se, e penso que, então, faço jornalismo literário, essa ambição que sempre me empurrou, desde a juventude aos dias atuais, para a prática do jornalismo.

Minha autoentrevista chega ao fim

Revejo estas páginas, e o cenário ainda é o mesmo do início da escrita deste percurso, embora nosso corpo esteja já aprendendo a relativizar a supressão da sala de aula presencial, as horas de isolamento e silêncio, os silêncios diante da tela, quando invocamos a fala dos alunos a dizerem algo sobre a aula, sobre suas compreensões do que estamos dizendo.

Rever esse percurso obriga-me a reconhecer que a memória, em sua estratégia seletiva, levou-me a dar saltos, a descrever, ora de modo emocionado, ora de modo protocolar, o meu trabalho desses 27 anos como docente da UFPB e a tentar imprimir a essa trajetória a pessoa que sou/ fui antes de chegar até aqui.

Anunciei, na introdução, uma pergunta-chave que me moveu e me move no âmago dessa trajetória; pergunta que, agora, esboço do seguinte modo: como se faz conhecimento? Digo que o conhecimento se produz primeiro intracelularmente, ali, naquela zona de irracionalidade e de não saber; ali, onde a história das nossas células fala de farturas ou de escassez, fala, muitas vezes, de pobreza e desigualdade. Sim, a minha realidade familiar tem uma trajetória inicial de desigualdade e pobreza, conforme descrito na primeira parte deste documento.

Da camada da intracelularidade, o conhecimento avança para o solo dos afetos e das escolhas. Meu afeto e minhas escolhas, desde que me entendo por gente, sempre foram a curiosidade e o espanto diante das coisas do mundo, do cosmos, do mistério. Desse solo primordial, vieram o afeto e as escolhas pela literatura e pelo jornalismo.

Tive de largar, pelo meio do caminho, interesses outros que apenas conheci superficialmente, como o amor pela filosofia, pela história da matemática, pela física e a antropologia. E, mesmo dentro do campo da comunicação e do jornalismo, questões mais emergentes, como o tema da acessibilidade e da inclusão, desviaram-me de outros temas prediletos, como as teorias do jornalismo, jornalismo e política, que apenas pude explorar superficialmente a partir de disciplinas ministradas.

Sou grata pelas oportunidades de ministrar disciplinas diretamente ligadas ao texto jornalístico, como Técnica de Reportagem e Investigação Jornalística. Com elas, aprendo lições valiosas sobre o conhecimento e como se processa.

E aqui retomo a questão inicial: como se processa o conhecimento? Ao longo desses 27 anos, compreendi que nós, docentes, somos facilitadores, indicadores de pistas; o conhecimento brilha na potência dos alunos, nas suas habilidades, afetos e interesses. Nós, os docentes, somos como os observadores da multiplicidade das árvores novas na grande floresta. Somos nós que reconhecemos de pronto a beleza do processo, sua singularidade e originalidade.

Se não formos tão prolixos, se nossa fala for seletiva, inteligente e oportuna no fornecimento dessas pistas e orientações, veremos a beleza do conhecimento que aflora no processo da docência/discência.

Testemunhar esse processo, fazer parte dele, nos enche de uma vaga de satisfação íntima, que alimenta a zona da nossa intracelularidade, dialoga com nossos afetos, expande-se em trabalho coletivo dos cérebros envolvidos.

Digo isso aqui porque sei que essa vaga de entusiasmo, a beleza e a potência desse processo são, muitas vezes, aspectos desconhecidos da burocracia universitária, organizando as disciplinas em códigos e os sujeitos desse processo em números de matrículas e tantos outros códigos frios sobre lotação, nível de formação função e carreira.

Esse aprendizado sobre o conhecimento como processo de agenciar competências e habilidades que já estão lá, na intracelularidade e no solo dos interesses de cada estudante, e a certeza de que isso tudo já veio com eles, pronto a ser deflagrado, esse aprendizado me tranquiliza. Ainda que sejam erguidas muralhas de insensatez, ignorância, autoritarismo radical, como o que temos assistido em nosso país através dos seus governantes, o conhecimento há de progredir, há de prosperar na trilha da confiança mútua, do afeto e dos interesses que devem se estabelecer como protocolo central entre docentes e discentes.

Sei que, ao alcançar o último nível da carreira, parece que estou encerrando um ciclo. Vejo-me, entretanto, empunhando os mesmos artefatos com os quais me forjei no mundo: a curiosidade e o espanto, a fome de conhecimento e, por fim, a crença no conhecimento e na formação universitária que possibilite e não aniquile a beleza e a potência de um processo aberto e participativo.

Pensar sobre o futuro, essa realidade que parece se gestar a cada segundo, contemplar a espécie de última pergunta que faço a mim, nessa longa entrevista/escuta das minhas memórias, aponta-me a única resposta possível: no futuro, parece que ainda me projeto para o que sou hoje: a jornalista, a inquiridora, essa narradora do mundo.

Parece, pois, que a casa que eu tentava desenhar na infância, e que começava primeiro na estrada, na entrada do portão, ainda não ficou pronta; essa casa ainda é o caminho. No futuro, provavelmente, ainda serei essa mesma pessoa para quem os espelhos não têm a função objetiva de escrutínio do meu rosto; não são senão superfícies lisas e inanimadas diante dos quais me postarei para dialogar com meus “espelhos de dentro”.

No futuro, ainda contemplarei o sonho de visitar uma floresta desconhecida e cantar fora de mim, sentada numa pedra, o que a minha natureza íntima me ditar. No futuro, escreverei crônicas, farei café e beberei uma taça de vinho como um brinde eterno à minha vida, à minha carreira.

E já agora, quando me preparo para digitar o ponto de encerramento deste memorial, fico com a impressão de que não há passado, senão um longo presente, tal como nos versos de Drummond; um longo presente estendido, ecoando o que fiz e ainda faço, por esses 27 anos na Universidade

Federal da Paraíba. Um longo presente, tecido de embates, desafios, alegrias, ausências, silêncios, longos silêncios. Um presente em que a sala de aula veio para dentro de casa, mas aqui não há o vozear dos estudantes nem nossas conversas nas barraquinhas de lanche.

Apesar disso, o conhecimento prossegue friccionando a realidade, tentando costurar o dito e o não dito das questões que formulamos. Estou aqui, no centro desse longo presente, e ainda tenho muitas perguntas para fazer à realidade, à cultura, ao jornalismo.

Sim, esse longo presente descortina-se agora nas páginas deste livro, por onde sigo percutindo o mundo com minhas perguntas. O tempo que vivemos continua sendo desafiador para as pessoas com deficiência. Uma nova vaga de desenvolvimento tecnológico, calcada na inteligência artificial, nos afeta e nos transforma.

Ao lado desse desenvolvimento, porém, convivemos com uma sociedade que, em muitos casos, exhibe, sem máscaras, o capacitismo e a discriminação no trabalho, nos espaços de convivência, nas escolas. Mas somos mais atentos agora. Lutamos todos os dias por nossa cidadania. Lutamos com argumentos, com movimento e ação.

Minha última palavra é sobre a fidelidade às minhas crenças, ao meu modo de lutar. Luto não apenas pela agenda das pessoas com deficiência. Luto por uma sociedade em que eu possa enxergar as gentes de todas as cores e em que todos me vejam.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **A Formação do Novo Espírito Científico**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- BELARMINO, Joana. **O Patinho Criança**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta LTDA, 1979.
- BELARMINO, Joana. **Dartanham: Um Gato com Gosto de Pinto**. São Paulo: Editora Moderna, 1983.
- BELARMINO, Joana. **Associativismo e política: a luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena**. João Pessoa: Ideia, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DIDEROT, Denis. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- GUERREIRO, Augusto Deodato. **Para uma nova comunicação dos sentidos**. Lisboa: Graforim Artes Gráficas, 2000.

- HENRI, Pierre. **La vida e la obra de Luis Braille**. Madrid: Organización Nacional dos Cegos Espanhóis, 1988.
- HUGONNIER, S. *et al.* **As deficiências visuais**. Porto: Edição Braille do Centro Professor Albuquerque e Castro, 1991.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **Entrevista compreensiva: Um guia para pesquisa de campo**. Maceió: Edufal 2013.
- LORENZ, Conrad. **A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid, Espanha: Ediciones Cátedra, 1996.
- LÓTMAN, Íuri M. *et. al.* **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- MATTELARD, Armand. **Histórias das ideias e das estratégias**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.
- MONOD, Jacques. **O Acaso e a Necessidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MORIN, Edgar. **O método**. Portugal: Publicações Europa América, 1986. v. 3.
- MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**. Porto: Publicações em Braille do Centro Professor Albuquerque e Castro, 1988.
- MORIN, Edgar. **O método**. Portugal: Publicações Europa América, 1992. v. 4.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Brasil: Edições UNESCO, 2000.
- NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995. (Coleção E, 3)
- NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996. (Coleção E, 5).
- NÖTH, Winfried. **Manual de Semiótica**. São Paulo: Edusp, 2002.
- OLIVA, F Pereira. **Do Braille à braillogia: necessidade de formação brailológica**. Organização de Comissão Portuguesa do Braille. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.
- PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

POSNER, Roland. O mecanismo semiótico da cultura. *In*: RECTOR, Mônica; NEIVA, Eduardo (org.). **Comunicação na Era Pós-Moderna**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIQUEIRA, Lau; BELARMINO Joana. **O Comício das Veias**. João Pessoa: Editora Ideia, 1993.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: por uma teoria linear da comunicação em redes. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Joana Belarmino de. **O Que Vê a Cegueira**: A Escrita Braille e sua Natureza Semiótica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SOUSA, Joana Belarmino de. **Tia Lila**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

SOUSA, J. B. Cegueira, Acessibilidade e Inclusão: Apontamentos de uma Trajetória. **Revista Brasileira de Psicologia e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 564-571, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/dR3gyL48vfth6NynF9bK8BK/?lang=pt>. Acesso em: 7 set. 2021.

SOUSA, Joana Belarmino de. **Já Não Há Golfinhos no Tejo**. São Paulo: Editora Penalux, 2020.

SOUSA, Joana Belarmino de. A cegueira é um lugar de onde se pode olhar o mundo. *In*: KASTRUP, Virgínia; POZZANA, Laura (orgs.). **Histórias de Cegueira**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON Evan; ROSCH, Eleanor. **A Mente Incorporada**: Ciências Cognitivas e Experiência Humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: A literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Copyright © 2025 Encontrografia Editora.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização da editora.



O livro destina-se a um público variado: docentes universitários, estudantes, intelectuais e pesquisadores dos campos da Educação Especial e das Ciências Humanas. Além disso, profissionais do Jornalismo e da Comunicação, artistas e escritores podem encontrar aqui incentivo, alimento para debates e reflexões e inspiração para suas jornadas pessoais na carreira acadêmica.

Segue-se, pois, o fio condutor da narrativa, com a esperança de que o trabalho seja fonte de inspiração para todos aqueles que acreditam numa sociedade inclusiva na qual a diferença e a singularidade sejam os vetores de uma convivência humana rica e saudável.

Prof.ª Dr.ª Joana Belarmino de Sousa



encontrografia

encontrografia.com
www.facebook.com/Encontrografia-Editora
www.instagram.com/encontrografiaeditora
www.twitter.com/encontrografia